O ÉCHO D'ALÊM-TUMULO

MONITOR

D'O SPIRITISMO 'N-O BRAZIL.

ANNO I N.º 5 MARÇO, 1870

Testemunho historico d'o extasis e d'a faculdade medianimica de curar.

D'a erudita obra, que tem por titulo—*Philosophie du XIX siècle*, por Guépin—extrahimos os seguintes factos, que bem attestam âos nossos leitores a intervenção invisivel, que em todos os tempos se-tem manifestado, mais ou menos pronunciada, quando Deos assim o-determina.

N-os primeiros tempos d'o Christianismo, quando era elle perseguido por toda parte, e seos adeptos por toda parte encontravam os martyrios mais espantosos, fructo d'a incredulidade, d'o capricho e d'as paixões desregradas, permittia Deos em larga escala o testemunho d'a intervenção manifesta de seos bons Spiritos para conforto d'esses pobres humanos, victimas innocentes de tanta barbaridade e tanta perversão, que 'n-o meio d'os mais inauditos supplicios attestavam a verdade sublime de sua fé e a omnipotencia e bondade de Deos, que por esses prodigios, como Pae, fallava á razão de tantos filhos desviados, porque somente a razão bem guiada póde esclarecer o intendimento, que só assim produz a boa-vontade, que, illuminada pel-a luz d'a fé, affronta impavida as densas trevas d'o erro, e entra triumphante 'n-as regiões esplendidas d'a verdade.

O, que, porêm, causa admiração e pasmo é ver depois os representantes d'aquelles mesmos que assim pensavam glorificando Deos, logo que conquistaram existencia legal, encherem seos corações de tanto orgulho e tanta vaidade que seo intendimento obscureceu-se à poncto de acharem que eguaes prodigios d'a Omnipotencia divina não podiam ser sinão obra d'o *Demonio*, e aquelles que eram objecto de tão extraordinarios phenomenos foram denominados de feiticeiros, e em nome de Deos.

condemnados à morrer 'n-o meio d'os mais espantosos tormentos!!

Si os pagãos incredulos, que não conheciam a moral d'o Evangelho, eram barbaros e perversos, quando condemnavam ào martyrio os, que eram reputados seos inimigos, os christãos, que conheciam a moral d'o Evangelho, que pregavam a charidade ensinada por Jesus-Christo, e em vez d'a mansuetude, com que explicára elle seo ensino, deshumanamente procediam—não com inimigos, mâs com seos irmãos,—não em nome de Cezar, conquistador e orgulhôso, mâs em nome de Deos (!!!) justo e misericordioso, por factos,—não filhos d'a vontade, mâs produzidos por fôrça superior e invisivel,—que papel reservavam para si perante a humanidade?—Que qualificação se-deve dar à taes irmãos, que tão desnaturados se-mostraram?

....

Eis os factos.

I

MANIFESTAÇÃO RELIGIOSA D'O EXTASIS 'N-OS PRIMEIROS CHRISTÃOS.

Em nenhuma epocha foi tão commum o extasis como entre os primeiros christãos. Crescido numero de martyres deveram á insensibilidade, que lhes-produzia o extasis, serem isemptos d'as dôres que deviam acompanhar sua morte. Apezar de tão subido numero de exemplos, que poderiamos citar em apôio de nossa opinião, um unico apenas referiremos: o d'o martyrio de Sancta Perpetua.

Escolhemos de preferencia esse facto, porque é elle d'os mais inatacaveis, e porque essa Sancta, verdadeiramente pel-a coragem, com que soube elevar-se à cima d'as affeições mais caras d'o coração humano, achou-se durante seo martyrio, à principio 'n-o estado d'extasis e d'insensibilidade, e depois 'n-o estado habitual de sua vida.

Muito notavel é S. Augustinho e o author d'os *Actos d'os Martyres* concordarem ambos em reconhecer que ào extasis, em que Perpetua estivera mergulhada durante o primeiro acto de seo martyrio, devera ella a impassibilidade, que apresentou; en-

tretanto ambos esses authores attribuem esse estado anormal à uma causa sobrenatural. (*)

As duas Sanctas, Felicidade e Perpetua, ambas de 22 annos de edade, foram despidas para serem expostas em uma rêde; tendo, porêm, o pôvo manifestado desgosto por esse insulto ào pudor, foram ellas retiradas para se-lhes-dar alguma vestimenta. Foi Perpetua a primeira que foi entregue á uma vacca furiosa, que a suspendeu em suas pontas e lançou-a por terra. A Sancta cahiu de costas; sentou-se depois, e percebendo que seo vestido estava rôto de um lado, cobriu-se logo, e por todas as suas acções deu prova de sua calma e de sua razão.

Felicidade foi, por sua vez atacada pel-a mesma vacca, e, como Perpetua, mostrou a mesma impassibilidade.

Achando o povo que a scena se-prolongava, seos chefes fizeram suspender o espectaculo, e as duas sanctas com seos companheiros foram conduzidos para a porta denominada *Sana Vivaria*, onde deviam ser dados á morte. N-esta occasião Perpetua deu ainda prova d'o maior sangue-frio e d'a presença de spirito mais completa; atou seos cabellos soltos, receiosa, diz a narração, de que isso parecesse algum signal de tristeza em seo triumpho; levantou-se, e tendo visto Felicidade deitada por terra, aproximou-se d'ella, deu-lhe a mão, e ajudou-a a levantar-se.

Seguiram depois ambas para a porta, onde devia consumar-se seo supplicio.

Perpetua foi recebida por um catechumeno chamado Rustico, d'o numero de seos amigos. « Então despertou-se ella como « de um profundo somno, tendo até então estado arrebatada em « extasis; começou à olhar em derredor de si, como uma pes- « sôa que não sabia onde estava; e com grande pasmo de toda

(*) O martyrio, de que fallâmos, remonta-se ào anno 204, 'n-o reinado de Severo. Conserva-se alguma incerteza relativamente á cidade d'a Africa, em que teve logar; a mór parte d'os authores o-collocam em Carthago. (Vêde a collecção de D. Kuinart; a historia de Tertuliano, por Delamotte; a historia ecclesiastica de Fleury, tomo 2, paginas 32 e seguintes.) A historia d'o captiveiro de Sancta Perpetua e de suas companheiras fôra escripta por Ella propria, que, até a vespera de sua morte, dia por dia escreveu tudo quanto lhe-aconteceu.

A narração clara, que devemos á esta heroina, é um monumento precioso para a historia d'os tempos àos quaes se-refere: nenhuma duvida pode deixar sobre a existencia d'o estado de extasis, tanto 'n-ella como em suas companheiras. Julgâmos à proposito notar que a historia d'o estabelecimento d'o Christianismo é absolutamente inintelligivel para todo aquelle, que não conhece o estado de extasis. O philosopho mais erudito, privado d'este conhecimento, verá somente um tecido de fabulas absurdas 'n-a narração d'os factos mais verdadeiros e mais importantes

« a gente, perguntou quando seria exposta á essa vacca, cuja
« furia se-lhe-havia dito que teria de supportar. »

O arrôbo d'esta Santa tinha sido tão profundo, que julgou ella à principio que era enganada, quando se-lhe-assegurava que já tinha ella passado pel-a prova d'a vacca. Somente acreditou pel-a affirmação d'o Rustico, confirmada pel-a desordem de seos vestidos e pel-as feridas, que trazia.

Tendo alguns furiosos pedido que os martyres fossem conduzidos ào circo, para terem o prazer de ver enterrar-lhes o punhal 'n-a garganta, foram reconduzidas ào logar d'onde tinham vindo. Todos supportaram a prova com coragem, todos, menos uma mulher, e essa mulher fôra Perpetua. (Vêde a traducção dos actos de seo martyrio, por Delamotte. *Histoire de Tertullien.*)

« Os martyres, diz a chronica, tendo recebido esse ultimo
« golpe sem fallar nem tremer, Perpetua que antes d'isso nenhu-
« ma dor tinha sentido por causa d'o *extasis*, em que estava, ca-
« hiu 'n-as mãos de um gladiador desasado e inexperiente, que
« tendo-lhe enterrado sua espada sem matal-a, arrancou-lhe gri-
« tos. Immediatamente levou ella mesma à seo pescoço a mão
« tremula d'o gladiador, como si o spirito maligno tivera medo
« de fazer morrer essa mulher tão generosa, e como si não pu-
« dera ser morta si ella propria não n-o-quizesse. »

Phenomenos de outra ordem tambem manifestaram-se 'n-essa epidemia de extaticos, que assignalou os primeiros dias d'o Christianismo.—Segundo o Apostolo, uns tiveram o dom d'as linguas; outros o de curar.

II

OS CONVULSIONARIOS D'AS CEVENNAS E DE SAINT-MEDARD.

O *Theatro sagrado d'as Cevennas*, obra hoje rarissima, é quasi o unico documento que nos-resta sobre essa epidemia. Basta dizermos que por essa occasião camponezes rusticos e ignorantes, chegados ào extasis pel-o fanatismo religioso, serviram-se d'elle para provar o que elles criam verdadeiro, e para demonstrar a superioridade de sua fé. Sabemos de que modo Clary victoriosamente resiste á prova d'o fogo, prova hoje tão facil depois d'os trabalhos recentes de Bontigny; màs acreditâmos 'n-a

veracidade d'o narrador, quando conta que os camponezes se-deixavam cahir d'as arvores em que estavam trepados, e depois entregavam-se ào improviso d'o modo mais eloquente e mais notavel, sem que de nenhum modo se-importassem com as contusões produzidas pel-a queda.

Nenhum motivo temos, absolutamente, para pôr em duvida o, que tem-se contado sobre muitos extaticos, e especialmente sobre a pastora d'o Cret. Para que negar ainda sua insensibilidade durante o extasis, e seo esquecimento completo, quando despertada, de tudo quanto tinha visto, dicto ou feito em seo somnambulismo religioso?—Dentro de dez annos essas reflexões parecerão muito mais serias e muito mais fundadas, quando a propria philosophia produzir por sua vez sua epidemia e suas maravilhas extaticas de todas as fórmas, e de todas as naturezas.

Os academicos Morand e La Condamine observaram essa epidemia religiosa d'o ultimo seculo, e verificaram os factos que ella apresentou. Como todos, que d'elles foram testemunhas, nada comprehenderam. Mulheres fracas e delicadas fazendo-se crucificar, deixando traspassar com cravos as mãos e os pés, conversando até 'n-a cruz, parecendo não experimentar nenhuma dôr d'aquillo que tão vivamente teria torturado outros. Eis os factos extraordinarios, de que foram testemunhas, e entretanto não se-achou 'n-esse tempo nenhum spirito assás philosophico, assás amigo d'a reconciliação d'os estados anormaes d'a vida e d'a indagação d'as causas para inquirir, si os milagres d'os convulsionarios d'as Cevennas e sua insensibilidade eram d'a mesma natureza d'os de Magdalena Mandolle, que foi causa d'a morte pel-o fogo d'o cura Ganfridy, condemnado em 1611, como feiticeiro, à ser queimado vivo, e que mais tarde ella mesmo reconhecida feiticeira, acabou por morrer 'n-a prisão; e d'as religiosas de Louviers que, em 1647, fizeram exhumar o corpo d'o cura Picard e queimar vivo seo vigario Boulle. Quantos extaticos desconhecidos, causa involuntaria de assassinatos juridicos!!! Quantas paginas d'a historia manchadas pel-os attentados d'a ignorancia e pel-os crueis juizos de homens supersticiosos!!!

Magdalena Bavant, que foi condemnada por toda a sua vida á pão e agoa e á prisão, era tambem uma extatica. Outro tanto se-pode dizer de Isabel Renfau, fundadora do asylo d'esse nome, que julgou-se e foi julgada possessa; facto pel-o qual o desgraçado medico Poirot foi queimado vivo, apezar d'a protecção d'o duque de Lorena, seu soberano.—Encontram-se to-

dos os characteres d'o extasis em todos os possessos de Auxone (1662), 'n-os d'a parochia de Landes (1718), 'n-os de Bully perto de Rouen (1724).

Em muitas d'essas moças a insensibilidade foi verificada por provas inteiramente concludentes, cuja crueza nada teria podido excusar em qualquer outra circumstancia. Um cirurgião, chamado legalmente para examinar muitas d'ellas, diz a exposição, interrou alfinetes 'n-os dedos 'n-o logar onde a unha se-prende, mas a possessa pareceu nada absolutamente soffrer. Em outra interrou-se uma agulha entre os dedos, que sahiu pel-a pelle d'o braço, sem que ella manifestasse dôr alguma. Entretanto, affirma a narração, a moça não parecia nem doente, nem adormecida : fallava com os assistentes (como a operada de M. Cloquet e os somnambulos magneticos) instando pel-o emprego d'o ferro e d'o fogo, e protestando nada absolutamense soffrer. N-o relatorio feito por cirurgiões sobre os possessos de Londres, entre outras cousas, que provam a insensibilidade mais completa, está dicto que uma dellas foi submettida á prova seguinte : collocou-se uma vela aceza debaixo de seo braço nû; a pelle foi queimada, e uma chaga consideravel produziu-se sem que a possessa désse o mais leve signal de dôr. Em Louviers viam-se todos os dias os possessos lançarem-se de costas, algumas vezes de mais de dez pés de altura, e quebrarem a cabeça com violencia sobre as calçadas.

Outros, antes do Dr. Bertrand, tinham advinhado o extasis, màs ninguem occupara-se de reunir todos os factos, concatenal-os e d'elles deduzir consequencias philosophicas. E ainda quando o magnetismo somente nos-tivesse dado occasião de um tal trabalho, importante serviço nos-teria elle prestado. Verdade é que ainda não conhecemos a essencia d'o extasis e os meios de prender directamente á physiologia essa fórma pathologica de nosso ser; màs nós sabemos, e já é muito que esse estado existe; sabemos mais ou menos os principaes phenomenos que o-characterisam; sabemos tambem que circumstancias o-produzem, de que maneira pode ser usado em bem d'os homens, e os escandalosos enredos de dinheiro á que tem dado logar; não é isso alguma cousa? Qual d'entre os mais famosos medicos d'o seculo ousaria dizer : Conheço a essencia de certas molestias d'as mais vulgares e mais communs, taes como as febres intermittentes, os dartros e o cholera?

III

OS SWEDEMBORGISTAS.

Ha vinte e quatro annos quando vim estabelecer-me em Nantes grande alvoroto havia 'n-essa cidade à cerca de M.me de Saint-Amour, e d'as curas miraculosas que suas orações obtinham d'a Divindade. Ligada á seita d'os swedemborgistas, de uma grande potencia de vontade, exaltadissima em sua religião, muito mystica em suas crenças, ainda que dotada de não commum intelligencia e de notavel spirito de analyse, essa senhora firmemente acreditava que pel-a oração podia-se obter a cura d'as doenças, e que Deos, por nossas vivas instancias, attendendo à nossos rogos, reage em nosso ser por um poderoso magnetismo de modo à profundamente modifical-o. Tambem não hesitou ella em servir-se d'esse meio, segundo a charidade de seo coração para prestar serviços, e chamar á adoração d'o Ser Supremo as almas, que d'Elle se-afastavam. Algumas curas realisaram-se, as quaes foram exageradas e multiplicadas pel-as narrações publicas. Em pouco tempo affluiu á sua casa um concurso immenso de doentes de toda a especie, que juntavam-se á sua porta, exaltavam-se com emulação entre si, collocando-se d'est'arte por si e sem n-o-saberem, 'n-as melhores condições possiveis de imitação contagiosa e de extasis.

—¿Estaes curado?—perguntava um dia o Dr. Fouré à um d'os cégos que haviam ido á casa d'a Senhora de Saint-Amour, e que fallava com grande vivacidade d'a melhora que tinha experimentado.

—Não, senhor, respondeu, não vejo ainda. (Este homem, completamente incuravel, não tinha mais olhos); não poderei guiar-me, mas um grande effeito produziu-se em meos olhos, e sinto que breve verei. Em todos os doentes que eu mesmo interroguei, um só não ha que não me-tenha dito que as orações d'a Sra. de Saint-Amour lhe-haviam produzido uma viva impressão. O modo por que ella interrogava, a accentuação tão penetrante de sua linguagem, essa uncção ào mesmo tempo magnetica e religiosa, com que ella impunha as mãos, produziam 'n-os pacientes um estremecimento interior, e muitos achavam-se ou acreditavam-se immediatamente curados.—Deos me-livre de pensar que a Sra. de Saint-Amour já mais tivesse podido por seo magnetismo, obrar cirurgicamente; mâs febricitantes, chlo-

roticos e outros doentes tocados de paralysias locaes, de amenorrheas, de leuchorréas, de gastralgias e de affecções nervosas, realmente tiveram de aplaudir-se em crescido numero de tal qual influencia, que, em seo amôr d'o nobre e d'o bem, tinha ella sabido derramar sobre seos soffrimentos.

Não poderia ser philosophico negar *à priori*, como o-têem feito tantos homens de sciencia, aquillo que me não fosse facil por mim mesmo verificar.

Tenho-me certificado que curas houveram, e tenho verificado ainda que poucas curas foram radicaes e duradouras; um bom numero de melhoras sensiveis, porêm passageiras; um numero infinito de esperanças.

Actualmente um ancião de 78 annos, o commandante Laforgue, n.º 14, rua Serviez, em Pan, obtém resultados similhantes âos d'a Sra. de Saint-Amour, e ainda muito mais notaveis. Como ella produz elle seo magnetismo sob a influencia d'a fé 'n-a bondade de Deos. Como a Sra. de Saint-Amour, elle sabe que magnetisa; màs elle crê que não conseguiria nada, si não tivesse por fim unico manifestar a gloria de Deos pel-as graças de que é intermediario. Dotado de uma singular impressionabilidade, muitas vezes, á vista d'o doente, acontece-lhe adevinhar por um sentimento interno tudo que diz respeito à seos soffrimentos, podendo assim dispensar interrogal-o. As vezes sente ou crê sentir desprender-se de si como que uma virtude secreta. N-este caso, bem raro é, dizem, que essa virtude deixe de obrar prompta e efficazmente em pró da cura requerida.

—Crer que cure todas as affecções que se-lhe-apresentam, crer que cure todas as que são ou pareçam identicas, crer que obtenha todos os dias resultados similhantes, seria um grande erro. O curioso, o máravilhoso de phenomenos d'esta natureza de modo algum reside 'n-o numero e variedade d'as curas, 'n-as narrações à que essas curas dão logar; mas unicamente 'n-a possibilidade de sua manifestação. E' isto um phenomeno physiologico que se-têm apresentado em todos os tempos, em todos os logares, sob a influencia de todas as religiões: portanto merece elle um estudo serio e uma apreciação scientifica.

Todos os dias o respeitavel commandante Laforgue recebe em sua casa 60 a 80 doentes. Um de meos amigos chegou à contar 120. Não podendo verificar por mim mesmo os factos tão curiosos que se-passam em Pan, fiz organisar um extracto d'as curas mais importantes por uma pessôa infelizmente extranha á medicina, mais cheia de dedicação e intelligencia. Resultou

para mim essa convicção—que o commandante Laforgue curou d'esde a primeira sessão um grande numero de photophobias. que eram reputadas cegueiras: resultado, que os processos usuaes d'a sciencia não dão ăos oculistas. Septe casos de surdez foram curados 'n-o mesmo periodo. A ultima era acompanhada de uma cegueira d'o olho direito, que datava de 25 annos. Si os surdos de que se-fez menção 'n-a nota que me-foi dada, deviam sua surdez á accumulo de cerumen 'n-o exterior d'o ouvido, à falsas membranas, ou á surdez nervosa, á amaurose d'o ouvido, não sei; màs ouviram todos desde a primeira sessão, e finalmente effectuou-se a cura em presença de 60 doentes que acreditaram 'n-o milagre. Eis agora um pobre homem tolhido de todos os seos membros que anda desde a primeira sessão, e que 'n-a segunda volta curado ou crê-se curado. Aqui está um outro que ha 17 mezes anda sobre muletas, e que logo 'n-o primeiro dia as-depõe em um canto sobre um montão de 150 à 200 pares deixados por outros doentes anteriormente curados.

Que pensar de uma papeira enorme que desapparece quasi inteiramente em tres sessões? De uma hernia curada tão promptamente, pel-o menos 'n-a apparencia, em um antigo artilheiro, e isso tão radicalmente que elle depõe sua funda? Que dizer de um tumor 'n-o joelho que se-modifica em tres ou quatro sessões magneticas? Para que negaria eu o, que tem visto homens leaes e que tinham interesse em bem examinar? Quem, pois, d'entre nós, ousaria gabar-se de conhecer todos os phenomenos naturaes e as leis de sua producção? Digam o que quizerem, podemos affirmar que ha 'n-este mundo sêres privilegiados, que, já por influencia moral, já por influencia electrochimica, analoga em sua especie superior a d'o gymnoto, d'o siluro, e d'a tremelga, curam ou aliviam promptamente soffrimentos rebeldes à muitos agentes medicinaes. A isso, dizem os adeptos, não se-limita a influencia d'os magnetisadores e d'os extaticos: não só podem produzir e curar a insensibilidade, a catalepsia; não só podem aliviar muitas miserias, e effectuar curas rapidas em molestias ainda pouco conhecidas, mas são prophetas, gozam d'o dom de segunda vista, obram em distancia e são susceptiveis de exercer influencias, que parecem inteiramente fóra d'as leis conhecidas d'a natureza.

A imaginação d'os magnetisadores é vivissima, e 'n-esse poncto de vista está ella muitas vezes, o mais d'as vezes, adiante d'os factos. Eis entretanto dous que bastante curiosos são, e que parecem exactos.

M. N.... chega a Pan, e consulta o commandante em favor de sua filha.—Ide para vossa casa, lhe-diz elle, porque desde este momento ella vae melhor: o que era verdade. A senhora X...., de Nantes, é atacada de dolorosissimas enxaquecas. —Ficae descançado, responde elle à seo marido; phenomenos de outro genero substituiram com vantagem a essa terrivel affecção: e era ainda verdade. Quando quizerdes fazer bem, accrescentou elle, pensae em Deos, que quer a felicidade d'os homens; pensae em mim, seo muito humilde servo à quem deu elle o dom d'as curas, e estarei em spirito juncto de vós, exercendo comvosco o ministerio sagrado, que quotidianamente aqui eu cumpro.

Não acceitâmos nem regeitâmos esses dados novos d'o problema; declaramos positivas e adquiridas para a humanidade as que têm sido sufficientemente verificadas; quanto aos outros, longe estâmos de crer que o estudo d'a natureza e de suas diversas manifestações haja dicto sua ultima palavra. Até nova ordem nos-encerraremos em uma duvida circumspecta, que, em taes casos, é o dever de todo o spirito philosophico.

Nota.—O author, philosopho esclarecido, reconhece a existencia d'os phenomenos produzidos pel-o extasis, pelo somnambulismo e pel-a faculdade de curar, que seres privilegiados possuem: filho d'a sciencia, e seo cultor, reconhece scientificamente que se-aproxima o tempo, em que tudo isto parecerá mais serio, d'o que 'n-a epocha, em que essas linhas escrevia elle, epocha não mui remota, visto como data a edição d'a obra, à que nos-referimos, d'o anno de 1854. Vê-se pel-a exposição que o autor não é adepto d'o Spiritismo, mas tem a probidade de citar os factos, e a bôa-fé de não tornal-os, systematicamente, controversos; porque além de imparcialmente reconhecer que *muitas paginas d'a historia estão manchadas pel-os attentados d'a ignorancia e pel-os crueis juizos de homens supersticiosos*, emitte clara e authorisadamente sua opinião scientifica quando assim se-exprime:—« E' isto um phenomeno physio-
« logico que se-têm apresentado em todos os tempos, em to-
« dos os logares, sob a influencia de todas as religiões: portanto
« merece elle um estudo serio e uma apreciação scientifica. »

Luiz-Olympio.

Necessidade d'a manifestação d'os Spiritos

(Continuação e fim.)

CAPITULO TERCEIRO

ADIANTAMENTO MORAL D'A HUMANIDADE

I

Seja-nos concedido a liberdade de dizermos com segurança que a humanidade começa já à caminhar com passos mais acelerados para o porto de salvamento, e com quanto ainda pareçam lentos, comtudo lá chegaremos, ajudados e guiados pel-o Salvador, que, como piloto 'n-o meio d'a cerração e d'a tempestade, depois de luctar com as ondas embravecidas, favorecido pel-a bonança, conduz seo barco áo porto de seo destino. É o Redemptor, que, á testa de sua obra de amor, de charidade e de progresso, caminha, e caminha sempre, à seo fim, que é o desempenho d'a missão, que recebeu de Deos, offerecendo-se e subjeitando-se á peregrinação e á morte para com ella dar á toda a humanidade uma vida eternamente feliz.

Esta verdade manifesta-se com a maior clareza 'n-o progresso d'a civilisação; entretanto não basta isso; comquanto suavise ella os costumes d'os póvos, não produz todavia essa suavidade capaz de implantar o amor e a charidade 'n-o coração d'os homens: o melhoramento, portanto, trazido pel-a civilisação, é todo exterior e não se-inocula 'n-as almas. A unidade n-as crenças é o unico meio efficaz para conseguir-se esse *desideratum*, a perfeição moral d'os homens, a qual consiste 'n-a profunda fé em Deos, 'n-a esperança d'a felicidade d'a vida futura, e 'n-a charidade fraternal d'os homens entre si:—é esse o unico caminho, que levará o homem à Deos.

Parece-nos ouvir alguem perguntar-nos:—«Quando haverá isto?» Respondemos:—quando fôrmos todos solidarios 'n-o amor de Jesus-Christo; accrescentâmos ainda: quando em toda terra não houver mais duvida, de que Jesus é o verdadeiro Messias, o Salvador e o Redemptor d'a humanidade.

Perguntar-nos-hão:—E o que é preciso vencer para conseguir isso?

—A desharmonia de crença e de doutrina.

Perguntar-nos-hão ainda:—E quem nos-dará essa harmonia de crença e de doutrina em base tal que não possa ser abalada?

Responderemos:—Deos.

Pois já não nos-foi dada por Deos uma doutrina, e a sua egreja não foi incumbida de guiar-nos instruindo-nos?

Deos, como pae sollicito, enviar-nos-ha ainda um raio de sua misericordia; e já por vezes o-tem feito. Para isso tudo está disposto. A refulgente luz d'a verdade já resplandece 'n-os horizontes d'a humanidade. Desvendae os olhos, e vereis; desenlutae os ouvidos, e ouvireis as vozes d'o Ceo, que resoam 'n-o infinito, onde gyram a Terra e todos os mundos pronunciando o nome de Deos!

Toda a terra tem estremecido; porque a regeneração d'a humanidade já tem começado, e se-expandido por todas as regiões: tudo, portanto, é vida, é movimento, tudo vae convergir á uma só communhão.

Para essa communhão vos-convidam os bons Spiritos por meio de suas manifestações successivas e espontaneas; é à elles que está confiado o complemento da missão do Crucificado; é, pois, o mesmo Christo que com elles vem cumprir aquillo que disse à seos discipulos:—« que muitas cousas tinha a dizer-lhes, porêm que para isso ainda não estavam preparados. » (S. João—XVI, 12.)

II

São os Spiritos que como pharóes celestiaes derramam a luz por toda a parte; são elles, que, quaes outros nautas, conduzem o baixel d'a humanidade ào porto de salvamento, por meio d'as verdades evangelicas; são elles, que unicos podem solidificar as bases d'o amor d'o proximo, isto é, a doutrina d'a graça, ha dezenove seculos proclamada pel-o proprio Ungido d'o Senhor, por Jesus o Salvador.

É o ensino d'os Spiritos que ha de realisar a confraternisação d'a humanidade, à elles somente cabe reunir todos os homens em um só e commum pensamento:—a charidade proclamada por Jesus.

Os homens sem o soccorro d'os Spiritos não conseguiriam a posse de tão sublime bem, porque por suas desavenças, nascidas d'o orgulho e d'o egoismo, não poderam atravez de tantos seculos junctar os râmos esparsos em um só feixe; porque os pre-

conceitos d'as paixões os-despersaram, e à seo modo cada-qual consagrou suas crenças, em muitas d'as quaes ficou de lado a propria lei d'a graça.

Assim immensos obstaculos se-oppuzeram áo livre e natural curso d'as idéas implantadas pel-o SALVADOR; a Providencia porêm não cessou de misericordiosamente conceder meios para tirar os homens d'o desviado caminho, que levavam, màs a ambição e a soberba de muitos têem sempre tornado vagarosa a grande obra d'a regeneração, e os adeptos d'a fé foram sempre fulminados pel-a maldade e desmarcado orgulho d'os homens, que não querem ver que 'n-o fastigio d'as glorias mundanas nada são, que d'o nada foram formados; e menos ainda que um dia à esse nada tornarão, apezar de todos os dias verem e sentirem essa grande verdade manifestada pelo nivel d'a morte: isto, porêm, emquanto á carne, porque o Spirito é um sêr immortal e individual, julgado sempre, conforme suas obras feitas 'n-o periodo d'a peregrinação 'n-este valle de lagrymas.

Portanto, certos de que fômos remidos com o sangue da victima purissima, inculpada, não devemos deixar em abandono esse infinito beneficio, que o Todo-Poderoso prodigalisa-nos communicando-nos seo amôr e misericordia. Devemos conhecer a pequenez infinita de que somos formados, apenas um átomo de argîla deposto sobre o nucleo terraqueo; loucura é, pois, illudirmo'-nos com essas chimericas phantazias que arrastram nosso spirito à grandes, penosas e multiplicadas peregrinações.

Em face de DEOS somos menos, que o menor infusorio, por nossos crimes; porquanto áquelles não pesam culpas como as originadas 'no homem pel-o abuso d'o principal e primordial dom, que o Spirito recebe de DEOS—O LIVRE-ARBITRIO!

Devemos com a maior sollicitude apartar de nós os preconceitos mundânos que nos-atira á erraticidade de milhares de seculos, e de vidas successivas 'n-este e outros muitos planetas, para esse fim dispostos pel-a Providencia, onde luctaremos com os embates formidaveis d'as ondas de uma penosa vida corporea, agitadas pel-o vento tempestuoso d'as paixões, fazendo oscillar a barca de salvação de modo mais temeroso d'o que outr'ora oscillára a fluctuante barca 'n-os mares d'a Galiléa, 'n-a qual Christo ensinou à seos discipulos à terem fé, e mostrou-lhes que só era bastante uma palavra para que o-obedecessem e se-calmassem os elementos.

Grande, immenso é o poder de DEOS!... Soccorridos por sua

infinita misericordia, ajudados em nossa fé, por nossa resignação e com palavras de paz, conseguiremos calmar as vagas tempestuosas, que contra nós levantam os incredulos; elles serão vencidos, porque fallarão os instrumentos providenciaes de Deos.

Claro é, portanto, segundo o exposto, que somente a manifestação d'os Spiritos é que fará consolidar as crenças; porque para elles os obstaculos humanos são impotentes para os impedir que continuem sua obra providencial d'a propagação d'as doutrinas, que têm de realisar a regeneração moral d'a humanidade.

Futil pretenção será d'aquelles, que, obstinados em sua vaidade, se-julgarem capazes de se-lhes-oppôr á sua marcha; porque elles maravilhosamente os-confundirão apresentando-se em todos os logares, que lhes-aprouver, e em que fôr necessario derramar a luz.

III

E' manifesto que os homens de hoje são em sua maioria os mesmos que têem habitado este planeta, e que obstinados 'n-a culpa, que lhes-obscurece o entendimento, desconheceram a sublime missão de Jesus, que lhes-veio abrir o caminho d'a verdadeira e perenal felicidade; e si assim não fôra, de certo que não reluctariam hoje em prestar adhesão àos ensinos d'os Spiritos, que são a continuação e o desenvolvimento d'as doutrinas d'o Divino Mestre, visto o estado de progresso intellectual, em que já se-acha a humanidade; é o unico meio de combater e destruir o pernicioso sentimento d'o egoismo, que além de tudo os faz manter o preconceito de terem entrado 'n-esta vida puros, e como taes divinisados; o, que já acima demonstramos ser impossivel pel-o absurdo e pel-a impiedade de similhante proposição.

Pel-a leitura d'as communicações, obtidas em differentes logares de paizes diversos, onde ha centros e grupos spiritas, vê-se claramente em seo fundo a uniformidade d'o ensino d'os Spiritos.

Vê-se que elles ractificam a redempção pel-o sacrificio d'o Crucificado; vê-se que dão testemunho de seo Evangelho, e o-desenvolvem patenteando o, que nos-era occulto e desconhecido. O ensino, pois, d'os Spiritos somente deixa de convir àos

que se-suppõem privilegiados aqui n'a terra, constituindo-se assim uma raça « distincta » de toda a humanidade.

Os Spiritos não vem chamar ào os que crêem 'n-os ensinos de Jesus, màs ào os incredulos, que negam sua missão divina; procuram fundir todas as religiões, ou os diversos modos externos de reconhecer e adorar à Deos, em uma unica religião, a religião christan,—a unica que é catholica, e ella constituirá de toda a humanidade um só rebanho sob a direcção de um só pastor; e mostram ainda por seos ensinos a infinita extenção d'a bondade, d'a sabedoria e d'a misericordia de Deos, levando sempre a luz até àquelles que seos grandissimos peccados submergiram em trevas, fazendo-lhes ver que, entretanto, só podem ser dissipadas pel-o arrependimento, pel-a humildade e pel-a expiação.

Os Spiritos demonstram que Deos, sempre benigno, somente permitte o castigo proporcional á gravidade d'a culpa, e misericordioso concede ào arrependido a graça de uma nova peregrinação, onde aprenda a fazer o BEM, como testemunho de seo arrependimento e de sua emenda, depois de ter passado por longas erraticidades, e longas peregrinações terrestres; o, que constitue o inferno, 'n-a phrase da Egreja. E' ahi 'n-esse estado infeliz que se-manifesta splendidamente a Misericordia infinita de Deos; é ahi que ella mais se-activa, porque para com esses maior é sua complacencia:—affirmam e demonstram que de nenhum modo as penas são attenuadas, si apezar d'os soffrimentos, não se-humilham, não se-arrependem, e orgulhosos se-conservam pertinaces 'n-o crime; em quanto assim pensam e praticam soffrem as consequencias logicas e necessarias de seos actos subjeitos sempre às indefectiveis leis d'a divina justiça.

Eis o fim providencial d'a manifestação d'os Spiritos, meio sublime, que, em sua misericordia, Deos reservou para 'n-os ultimos tempos chamar os homens ào verdadeiro caminho d'o aperfeiçoamento moral, meio providencial, unico capaz de realisar a unidade d'a fé n'-a Egreja de Jesus-Christo, que se-funda 'n-a pratica desinteressada d'a charidade universal, Ancora mysteriosa d'a salvação d'a humanidade.

José Francisco Lopes.

Characteres d'a Revelação Spiritica

(Continuação.)

20—O facto só d'a possibilidade de communicar com os sêres d'o mundo spiritual tem consequencias incalculaveis d'a mais alta gravidade; é inteiramente um mundo novo, que à nós se-revela, e que tanto mais importancia tem, quanto elle espera todos os homens sem excepção. Esse conhecimento não póde deixar de trazer, generalisando-se, uma modificação profunda 'n-os costumes, 'n-o character, 'n-os habitos e 'n-as crenças, que tão grande influencia têem sobre as relações sociaes. E' uma inteira revolução, que se-opera 'n-as idéas, revolução tanto maior, tanto mais poderosa, quanto não é circumscripta à um povo, á uma casta, màs tóca simultaneamente pel-o coração todas as classes, todas as nacionalidades, todos os cultos.

E' pois com razão que o Spiritismo é considerado como a terceira grande revelação. Vejàmos em que ellas differem, e porque laço entre si ellas se-prendem.

21—Moysés, como propheta, revelou àos homens o conhecimento de um Deos unico, soberano mestre e creador de todas as cousas; promulgou a lei d'o Sinai, e estabeleceu os fundamentos d'a verdadeira fé; como homem foi o legislador d'o povo, pel-o qual essa fé primitiva, depurando-se, devia um dia espalhar-se em toda a terra.

22—Christo tomando d'a antiga lei o, que é eterno e divino, e regeitando o, que era transitorio, puramente disciplinar e de concepção humana, accrescenta *a revelação d'a vida futura*, de que Moysés não tinha fallado, e a d'as penas e recompensas, que esperam o homem depois d'a morte.

23—A parte mais importante d'a revelação d'o Christo, 'n-o sentido de ser ella a origem primeira, a pedra angular de toda sua doutrina, é o poncto de vista todo novo debaixo d'o qual faz elle encarar a divindade. Não é mais o Deos terrivel, ciumento, vingativo, de Moysés, o Deos cruel e desapiedado, que réga a terra com sangue humano, que ordena a carnificina e o exterminio d'os póvos, sem exceptuar as mulheres, os meninos e os velhos, e que castiga os, que poupam as victimas; não é mais o Deos injusto, que pune um povo inteiro pel-a falta de

seo chefe, que vinga-se d'o culpado 'n-a pessoa d'o innocente, que fere os filhos pel-a falta de seo pae, màs um Deos clemente, soberanamente justo e bom, cheio de mansuetude e de misericordia, que perdôa ào peccador arrependido, e *dá à cada um segundo suas obras*; não é mais o Deos de um só povo privilegiado, o *Deos d'os exercitos* presidindo àos combates para sustentar sua propria causa contra o Deos d'os outros póvos, màs o Pae-commum d'o genero humano, que estende sua protecção sobre todos os seos filhos, e que châma todos à si; não é mais o Deos, que recompensa e pune pel-os unicos bens d'a terra, que faz consistir a gloria e a felicidade 'n-a submissão d'os póvos rivaes, e 'n-a multiplicidade d'a progenitura, màs que diz àos homens:—« Vossa verdadeira patria não é 'n-este mundo, é 'n-o reino celeste; é lá que os humildes de coração serão elevados, e os orgulhosos serão abatidos. » Não é mais o Deos que faz d'a vingança uma virtude, e ordena dar ôlho por ôlho, dente por dente, màs o Deos de misericordia que diz: —« Perdoae as offensas, si quizerdes ser perdoado; dae o bem pel-o mal; não façaes à outrem o que não quererieis que vos-fizessem. » Não é mais o Deos mesquinho e meticuloso, que impõe, sob as mais rigorosas penas, o modo por que quer ser adorado, que se-offende d'a inobservancia de uma formula, màs o Deos grande que olha o pensamento, e não se-honra d'a fórma, emfim não é mais o Deos que quer ser temido, màs o Deos que quer ser amado.

24—Sendo Deos a alma de todas as crenças religiósas, o fim de todos os cultos, *o character de todas as religiões é conforme á idéa que ellas dão de* Deos. As que O-fazem um Deos vingativo e cruel, crêem honral-O por actos de crueldade, pel-as fogueiras e pel-as torturas; as, que O-fazem um Deos parcial e ciumento, são intolerantes, são mais ou menos meticulosas 'n-a fórma, segundo ellas O-crêem mais ou menos inquinado d'as fraquezas e ninharias humanas.

25—Toda a doutrina de Christo é fundada 'n-o character que elle attribue á Divindade. Com um Deos imparcial, soberanamente justo, bom e misericordioso, pôde elle fazer d'o amor de Deos e d'a charidade para com o proximo a condição expressa d'a Salvação, e dizer: *Ahi está toda a lei e os prophetas, não ha outra*. Sobre esta unica crença pôde elle assentar o principio d'a egualdade d'os homens diante de Deos e da fraternidade universal.

Essa revelação d'os verdadeiros attributos d'a divindade,

junta á d'a immortalidade d'a alma e d'a vida futura, modificava profundamente as relações mutuas d'os homens, impunha-lhes novas obrigações, fazia-lhes encarar a vida presente sob um outro aspecto, era por-isso mesmo uma revolução inteira 'n-as idéas, revolução que devia forçosamente reagir sobre os costumes e as relações sociaes. Incontestavelmente é, por suas consequencias, o poncto mais capital d'a revelação d'o Christo, e cuja importancia se não tem assás comprehendido; é lamentavel dizel-o; é o, de que mais se-tem desviado, e o, que mais desconhecido tem sido 'n-a interpretação de seos ensinos.

26—Entretanto Christo accrescenta: « Muitas cousas que eu vos-digo, não podeis ainda comprehendel-as, e teria muitas outras à dizer-vos, que não comprehenderieis; é por-isso que vos-fallo em parabolas; mais tarde, porém, *eu vos-enviarei o Consolador, o Espirito de verdade, que restabelecerá todas as cousas, e vos-explicará todas.*

Si Christo não disse tudo quanto teria podido dizer, é porque julgou dever deixar certas verdades 'n-a sombra até que os homens estivessem em estado de comprehendel-as. Por sua propria confissão, seo ensino era, pois, incompleto, porquanto annuncia elle a vinda d'Aquelle que deve completal-o; logo elle previa que sobre suas palavras havia de dar-se equivoco, que de seo ensino havia de haver desvio, em summa que haviam de desfazer o, que elle fez, por quanto todas as couzas devem ser restabelecidas; e não se-*restabelece*, sinão aquillo, que ha sido desfeito.

27—Porque châma elle o novo Messias *Consolador*? Este nome significativo e sem ambiguidade é por si só uma revelação. Prevîa, pois, que os homens teriam necessidade de consolações; o, que implica a insufficiencia d'aquellas, que elles incontrariam 'n-a crença, a que iam habituar-se. Nunca, talvez, Christo foi mais claro e mais explicito d'o que 'n-estas ultimas palavras, em que poucas pessôas têem reparado, naturalmente porque tem-se evitado esclarecel-as e aprofundar o sentido prophetico d'ellas.

28—Si Christo não pôde desenvolver, completamente, o seo ensino, é que àos homens faltavam conhecimentos, que não podiam ser adquiridos, sinão com o tempo, e sem os quaes não podiam comprehendel-o; couzas ha que teriam parecido falta de senso 'n-o estado d'os conhecimentos de então.

Completar seo ensino deve, portanto, entender-se 'n-o sentido de *explicar* e de *desinvolver*, de preferencia ào de accrescentar

verdades novas; porque tudo ahi se-olha em germen; faltava a chave para comprehender o sentido de suas palavras.

29.—Mas ¿quem ousa tomar a liberdade de interpretar a Escriptura Sagrada? Quem tem esse direito? Quem possue as luzes necessarias sinão os theologos?

—Quem ousa? A sciencia primeiro que tudo, que não pede permissão á ninguem para fazer conhecer as leis d'a natureza, e à pés juntos salta por sobre os erros e os preconceitos.

—Quem tem esse direito?

N-este seculo de emancipação intellectual e de liberdade de consciencia, o direito de exame pertence à todos os homens, e as Escripturas não são mais a arca sancta, 'n-a qual ninguem ousava tocar com o dedo sem correr o risco de ser fulminado. Quanto ás luzes especiaes necessarias, sem contestar as d'os theologos, e por mais esclarecidos que fossem os d'a edade media, e em particular os Padres d'a Egreja, não eram, entretanto, ainda bastante esclarecidos para não condemnar como heresia o movimento d'a terra e a crença 'n-a existencia de antipodas; e, sem ir tão longe,—¿os de nossos dias não têem lançado o anathema àos periodos d'a formação d'a terra?

Os homens têem podido explicar as Escripturas somente ajudados d'o que sabiam d'as noções falsas ou incompletas que tinham sobre as leis d'a natureza, mais tarde reveladas pel-a sciencia; eis-ahi porque os theologos têem podido de muito boa-fé equivocar-se 'n-o sentido de certas palavras e de certos factos d'o Evangelho. Querendo 'n-elle à todo o custo achar a confirmação de um pensamento antecipado, gyravam sempre 'n-o mesmo circulo, sem deixar seo poncto de vista, de modo tal que ahi não viam, sinão, o, que queriam vêr. Por mais eruditos theologos que fossem não podiam comprehender as causas dependentes de leis, que não conheciam.

Màs ¿quem será juiz d'as interpretações diversas, e muitas vezes contradictorias, dadas fóra d'a theologia?—O futuro, a logica e o bom-senso.

Os homens cada-vez mais esclarecidos á proporção que novos factos e novas leis vierem revelar-se saberão descriminar os systemas utopicos e a realidade; a sciencia faz, portanto, conhecer certas leis; o Spiritismo faz conhecer outras; umas e outras são indispensaveis á intelligencia d'os textos sagrados de todas as religiões, desde Confucio e Boudha até o Christianismo. Quanto á theologia, não poderia ella judiciosamente allegar

por excepção contradicções 'n-a sciencia, ainda quando ella não estivesse sempre de accordo comsigo mesmo.

30.—Tomando o Spiritismo seo poncto de partida 'n-as proprias palavras de Christo, como Christo tomou o seo em Moisés, é o Spiritismo uma consequencia directa de sua doutrina.

A' idéa vaga d'a vida futura addiciona elle a revelação d'a existencia d'o mundo-invisivel, que nós-cerca e povôa o espaço, e por esse meio determina a crença; dá-lhe um côrpo, uma consistencia, uma realidade 'n-o pensamento.

Define os laços, que unem a alma e o corpo, e ergue o véo, que occultava àos homens os mysterios d'o nascimento e d'a morte.

Pel-o Spiritismo o homem sabe donde vem, onde vae, porqua está 'n-a terra, porque soffre ahi temporariamente, e por toda e parte vê a justiça de Deos.

Sabe que a alma progride incessantemente àtravez de uma serie de existencia successivas, até que tenha attingido o grão de perfeição, que póde aproximal-o de Deos.

Sabe que todas as almas, tendo um mesmo poncto de partida, são creadas eguaes, com uma mesma aptidão à progredir em virtude de seo livre-arbitrio; que todas são d'a mesma essencia, e que entre ellas somente ha a differença d'o progresso consumado; que todas têem o mesmo destino e attingirão o mesmo fim mais ou menos promptamente segundo seo trabalho e sua boa-vontade.

Sabe que não ha creaturas desherdadas, nem mais favorecidas uma d'o que outras; que Deos não creou creaturas privilegiadas e despensadas d'o trabalho imposto á outras para progredir; que não ha sêres perpetuamente votados ào mal e ào soffrimento; que os, que são designados com o nome de *demonios* são Spiritos ainda atrazados e imperfeitos que fazem mal 'n-o estado de Spiritos, como o-faziam 'n-o estado de homens, màs que adiantar-se-hão e melhorarão; que os anjos ou puros Spiritos não são seres à parte 'n-a creação, màs Spiritos que attingiram o fim, depois de terem percorrido a corrente d'o progresso; que, portanto, não ha creações multiplas de differentes cathegorias entre os seres intelligentes, mas que toda a creação resalta d'a grande lei de unidade que rege o universo e que todos os sêres gravitam para um fim commum que é a perfeição, sem que sejam favorecidos uns á custa d'os outros, mas sendo todos filhos de suas obras.

31.—Pel-as relações que o homem pode estabelecer com

áquelles, que deixaram a terra, tem elle não só a próva material d'a existencia e d'a individualidade d'a alma, como comprehende elle a solidariedade que reata os viventes e os mortos d'este mundo, e os d'este mundo com os d'os outros mundos. Conhece sua situação 'n-o mundo d'os Spiritos; segue-os em suas migrações; é testemunha de suas allegrias e de suas penas; sabe porque são felizes ou desgraçados, e a sorte que mesmo o-espera segundo o bem e o mal que faz.

Iniciam-n-o essas relações 'n-a vida futura que póde elle observar em todas as suas phazes, em todas as suas peripecias; o futuro não é mais um facto positivo, uma certeza mathematica. Então nada mais de espantoso tem a morte, porque para elle é o livramento, é a porta d'a verdadeira vida.

32.—Pel-o estudo d'a situação d'os Spiritos sabe o homem que a felicidade e a desgraça 'n-a vida spiritual são inherentes ào gráo de perfeição, e cada-um experimenta as consequencias directas e naturaes de suas faltas, por outra, que é punido por onde ha peccado; que essas consequencias duram tanto tempo quanto a causa que as-produziu; que, pois, o culpado soffreria eternamente, si eternamente persistisse 'n-o mal, mas que o soffrimento cessa com o arrependimento e com a reparação; ora como de cada-um depende melhorar-se, póde cada-um por seo livre-arbitrio prolongar ou abreviar seos soffrimentos, como o doente soffre por seos excessos, em quanto não se-cohibe d'elles.

33.—Si a razão repelle, como incompativel com a bondade de Deos, a idéa d'as penas irremissiveis, perpetuas e absolutas, inflingidas muitas vezes por uma unica falta; supplicios d'o inferno, que nem o mais ardente, nem o mais sincero arrependimento, póde aliviar, inclina-se-ella ante essa justiça destributiva e imparcial que abrange tudo, que nunca fecha a porta d'a rehabilitação, e, constantemente, estende a mão ào naufrago, em vez de empurral-o 'n-o abysmo.

34.—A pluralidade d'as existencias, cujo principio Christo estabeleceu 'n-o Evangelho, sem que, porêm, o-difinisse mais que muitos outros, é uma das leis mais importantes reveladas pel-o Spiritismo, pel-o que diz respeito á demonstração de sua realidade para o progresso.

Por essa lei o homem acha a explicação de todas as anomalias apparentes que apresenta a vida humana; suas differenças de posição social; as mortes prematuras, que, sem a reincarnação tornariam inuteis para a alma as vidas breves; a desigualdade

d'as aptidões intellectuaes e moraes pel-a antiguidade d'o Spirito, que mais ou menos tem vivido, mais ou menos apprehendido e progredido, e que ào nascer traz o adquirido de suas existencias anteriores. (N.º 5.)

35.—Com a doutrina d'a creação d'a alma à cada nascimento volta-se ào systema d'as creações privilegiadas; os homens são extranhos uns àos outros, nada os-liga, os laços de familia são puramente carnaes; não são solidarios de um passado, em que não existiam; com a d'o nada depois d'a morte toda a relação cessa com a vida; não são solidarios d'o futuro. Pela reincarnação são elles solidarios d'o passado e d'o futuro; suas relações perpetuando-se 'n-o mundo spiritual e n'o mundo corporal, a fraternidade tem por base as proprias leis d'a natureza; o bem tem uma mira, o mal tem suas consequencias inevitaveis.

36.—Com a reincarnação caem os preconceitos de raças e de castas, porquanto o mesmo Spirito póde renascer rico ou pobre, fidalgo ou proletario, amo ou criado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça d'a servidão, e d'a escravidão contem a subjeição d'a mulher á lei d'o mais forte, nenhum ha que sobrepuje em logica o facho material d'a reincarnação; si, pois, a reincarnação funda sobre uma lei d'a natureza o principio d'a fraternidade universal, funda ella sobre a mesma lei o d'a egualdade d'os direitos sociaes, e consequentemente o d'a liberdade.

Sómente pel-o côrpo nascem os homens inferiores e subordinados; pel-o Spirito são eguaes e livres. D'ahi o dever de tractar os inferiores com bondade, benevolencia, e humanidade; porque aquelle que hoje é nosso subordinado, pode ter sido nosso egual ou nosso superior, póde ser um parente ou um amigo, e porque podemos por nossa vez tornar-nos subordinado d'aquelle àquem governàmos.

37.—Tirae ào homem o Spirito livre, independente, sobrevivente á materia, fareis d'elle uma machina organisada, sem responsabilidade, sem outro freio que a lei civil, e como um animal intelligente *excellente de explorar*. Nada esperando depois d'a morte, nada tambem o-detêm para augmentar os gozos d'o presente; si soffre, tem somente o desespero por perspectiva, e como refugio o nada.

Com a certeza d'o futuro, com a de encontrar aquelles à quem amou, e com o *temor de tornar a ver aquelles a quem offendeu*, todas as suas idéas mudam:

Não houvesse o Spiritismo feito outra cousa sinão tirado o homem d'a duvida attinente à vida futura, teria feito mais por seo melhoramento moral que todas as leis disciplinares que algumas vezes o-reprimem, mas não n-o-mudam.

38.—Sem a preexistencia d'a alma a doutrina d'o peccado original não é unicamente inconciliavel com a justiça de Deos, que tornaria todos os homens responsaveis pel-a falta de um só, seria um contra-senso e tanto menos justificavel, quanto não existia a alma 'n-a epocha, á que se-pretende fazer remontar sua responsabilidade. Com a preexistencia e a reincarnação o homem traz nascendo o germen de suas imperfeições passadas, d'os defeitos de que não está corrigido e que se-traduzem por seos instinctos naturaes, por suas propensões à esse ou aquelle vicio. Ahi está seo verdadeiro peccado original, cujas consequencias mui naturalmente experimenta; com essa differença capital, porém, que traz a pena de suas proprias faltas e não d'as de outrem; e ess'outra differença, ào mesmo tempo consoladòra, animadôra e soberanamente equitativa, de que cada existencia lhe-offerece os meios de resgatar-se pel-a reparação, e de progredir quer despindo-se de alguma imperfeição, quer adquirindo novos conhecimentos, e isso até que, estando sufficientemente purificado, não tenha mais necessidade d'a vida corpórea, e possa exclusivamente viver vida spiritual, eterna e bemaventurada.

Pel-a mesma razão aquelle, que tem progredido moralmente, traz, renascendo, qualidades nativas, como o que tem progredido intellectualmente traz idéas innatas; está identificado com o bem; pratica-o sem esforços, sem calculo, e por assim dizer sem 'n-isso pensar. Aquelle que é obrigado à combater suas tendencias más, ainda está em lucta; o primeiro já venceu, o segundo está em vesperas de vencer. Ha portanto *virtude original*, como ha *saber original* e *peccado original* ou, melhor, *vicio original*.

39.—O Spiritismo experimental tem estudado as propriedades d'os fluidos spirituaes e sua acção sobre a materia. Ha elle demonstrado a existencia d'o *perispirito*, presentido desde a antiguidade, e designado por S. Paulo sob o nome de *corpo spiritual*, isto é, de côrpo fluidico d'a alma depois d'a destruição d'o côrpo tangivel.

E' hoje sabido que esse involucro é inseparavel d'a alma; que é um d'os elementos constitutivos d'o ser humano; que é o vehiculo de transmissão d'o pensamento, e que, durante

a vida d'o côrpo serve elle de laço entre o Spirito e a materia. O perispirito representa um papel importante 'n-o organismo e em muitas affecções, e prende-se á physiologia tanto como á psychologia.

40.—O estudo d'as propriedades d'o perispirito, d'os fluidos spirituaes e d'os attributos physiologicos d'a alma, abre nóvos horisontes á sciencia, e dá a chave de innumeros phenomenos até então incomprehendidos por falta d'o conhecimento d'a lei, que os-rege; phenomenos negados pel-o materialismo natural e artificial, d'os effeitos psychicos d'a catalepsia e d'a lethargia, d'a presciencia, d'os presentimentos e d'as apparições, d'as transfigurações, d'a transmissão d'o pensamento, d'a fascinação, d'as curas instantaneas, d'as obsessões e possessões, etc. Demonstrando que esses phenomenos repousam sobre leis tão naturaes como os phenomenos electricos, e as condições normaes, em que podem reproduzir-se, o Spiritismo destrue o imperio d'o maravilhôso e d'o sobrenatural; e por consequencia a origem d'a mór parte d'as superstições. Si, faz elle crer 'n-a possibilidade de certas cousas por alguns reputadas chimericas, impede crer em muitas outras, cuja impossibilidade e irracionalidade elle demonstra.

41 —Bem longe de negar ou destruir o Evangelho, vem o Spiritismo pel-o contrario confirmar, explicar e desinvolver, pel-as novas leis naturaes que elle revela, tudo quanto Christo disse e fez; lança a luz sobre os ponctos obscuros de seo ensino, de tal modo que aquelles para quem certas passagens d'o Evangelho eram inintelligiveis, ou pareciam *inadmissiveis*, ajudados d'o Spiritismo comprehendem-n-as facilmente, e as-admittem; vêem melhor seo alcance, e melhor podem descriminar a realidade d'a allegoria; Christo lhes-parece maior, não é mais simplesmente um philosopho, é um Messias divino.

42.—Si alêm d'o poder moralisador d'o Spiritismo consideramol-o 'n-os intuitos por elle assignados em todas as acções d'a vida, 'n-as consequencias d'o bem e d'o mal que faz tocar com o dedo; 'n-a força moral, 'n-a coragem, 'n-as consolações que dá 'n-as afflicções por uma inalteravel confiança 'n-o futuro, 'n-o pensamento de ter perto de si os sêres amados, 'n-a segurança de tornal-os à ver, 'n-a possibilidade de com elles entreter-se, finalmente 'n-a certeza que de tudo quanto se-adquire em intelligencia, em sciencia, em moralidade *até o derradeiro momento d'a vida*, nada é perdido, tudo aproveita ào adianta-

mento, reconhecemos que o Spiritismo realisa todas as promessas de Christo à cerca d'o *Consolador* annunciado. Como, pois, é o *Spirito de Verdade* que preside ào grande movimento d'a regeneração, a promessa de sua vinda acha-se tambem realisada, porque, pel-o facto, é elle que é o verdadeiro *Consolador*. (*)

ALLAN-KARDEC.

(Continúa.)

A vida eterna.

I

A TERRA

N-O INFINITO E 'N-A ETERNIDADE

Traduzido d'o francez por Dionysio Rodrigues d'a Costa.

Todas as religiões que se têem succedido 'n-a historia d'a humanidade, desde a theogonia d'os Arianos, que parece datar de quinze mil annos e offerece-nos o typo mais antigo, até o babismo d'a Asia, que datando apenas deste seculo, entretanto já

(*) Muitos paes-de-familias deploram a morte prematura de filhos, por cuja educação fizeram grandes sacrificios, e pensam que tudo isto é em pura perda. Com o Spiritismo, não lamentam esses sacrificios, e promptos estariam á fazel os, ainda com a certeza de ver morrer seos filhos, porque sabem que, si elles não tiram proveito d'essa educação 'n-o presente, servirá ella d'ante-mão para seo adiantamento como Spiritos, porquanto será outros tantos conhecimentos para uma nova existencia, por que quando voltarem terão uma bagagem intellectual que mais aptos os-tornarão para adquirir novos conhecimentos. É o que succede com esses meninos que trazem desde o bêrço idéas innatas, que sabem por assim dizer sem ter necessidade de aprender. Si, como paes, não teem a satisfacção immediata de ver seos filhos aproveitar essa educação, certamente gozarão d'ella mais tarde, quer como Spiritos quer como homens. Serão talvez de novo paes d'esses mesmos filhos que se-dizem felizmente dotados pel a natureza, e que devem suas aptidões á uma educação precedente; como tambem si filhos voltem mal em consequencia d'a incuria de seos paes, podem estes ter de soffrer mais tarde pel-os desgostos e pezares que lhes-suscitarão elles em nova existencia. (Evang. selon le Spir.: ch, V, n. 21: *Morts prématurées.*)

conta muitos sectarios; desde as theologias mais vastas e melhor estabelecidas, que, como o boudhismo 'n-a Asia, o christianismo 'n-a Europa, e o islamismo 'n-a Africa, por muitos seculos têem dominado sobre regiões immensas, até os systemas isolados e mortos ao nascer, que, como a igreja franceza d'o abbade Chatel ou a religião fusionista de Toureil, ou o templo positivista de Augusto Conte, apenas têem vivido o espaço de uma manhã; —todas as religiões, digo, tem tido por objecto e por fim o *conhecimento d'a vida eterna.*

Entretanto ainda nenhuma poude até o presente dizer-nos o que é a vida eterna; nem mesmo poude ainda nenhuma ensinar-nos o que é a vida actual, em que ella differe ou em que prende-se á vida eterna; o que é a terra que habitamos; o que é o céo para onde se-elevam todas as vistas anciosas interrogando o segredo d'o grande problema.

A impotencia de todas as religiões, antigas e modernas, em explicar-nos o systema d'o mundo moral, deu logar à que a philosophia, desanimada por seo silencio ou suas ficções, chegasse a formar em seo seio uma eschola de scepticos, que, não só duvidaram d'a existencia d'o mundo moral, mas até estenderam sua exageração à negar a presença de Deos 'n-a natureza e a immortalidade d'as almas intellectuaes.

Nossa philosophia spiritualista d'as sciencias, fundada 'n-a synthese d'as sciencias positivas, e especialmente 'n-as consequencias metaphisicas d'a astronomia moderna é mais solida que nenhuma d'as religiões antigas, mais bella que todos os systemas philosophicos, mais fecunda que nenhuma d'as doutrinas, d'as crenças, ou d'as opiniões até o presente emittidas pel-o spirito humano. Nascida 'n-o silencio d'o estudo, nossa doutrina cresce 'n-a sombra e se vae aperfeiçoando sempre por uma interpretação, cada vez mais desenvolvida d'o conhecimento d'o universo; ella sobreviverá aos systemas theologicos e psychologicos d'o passado, porque é a propria natureza que observamos sem preconceitos, sem especulação e sem temor.

Quando, 'n-o meio d'uma noute profunda e silenciosa, nossa alma solitaria eleva-se para estes mundos longinquos, que brilham ácima de nossas cabeças, instinctivamente procurâmos interpretar os raios, que nos vem d'as estrellas, porque sentimos serem estes raios como laços fluidicos, que ligam os astros entre si 'n-a rede d'uma immensa solidariedade. Agora que as estrellas não são mais para nós prégos de ouro pregados 'n-a abobada celeste; agora que sabemos que estas estrellas são ou-

tros tantos sóes análogos ào nosso, centros de systemas planetarios variados, e disseminados em terrificantes distancias atravez d'o espaço infinito; agora que a noute não é mais para nós um facto dado 'n-o universo inteiro, màs simplesmente uma sombra passageira situada atraz d'o globo terrestre relativamente ao sol, sombra, que se-estende até uma certa distancia màs não até ás estrellas, e que cada dia atravessamos durante algumas horas em virtude d'a rotação diurna d'o globo; —applicando estes conhecimentos physicos á explicação philosophica de nossa situação 'n-o universo certificamo'-nos de que habitâmos a superficie de um planeta, que, longe de ser o centro e a base d'a creação, não é mais d'o que uma ilha fluctuante d'o grande archipelago, arrastada, assim como myriadas de outras análogas, pel-as forças directrizes d'o universo, e á qual o Creador não deu nenhum privilegio especial.

Sentir-nos transportados ao espaço é uma condicção util á comprehensão exacta de nosso logar relativo 'n-o mundo; mas, physicamente não temos nem podemos ter esta sensação, pois que nos achâmos fixos á terra por sua attração e participâmos, integralmente, de todos os seos movimentos. A atmosphera, as nuvens, todos os objectos, moveis ou immoveis, pertencentes á terra e á ella unidos são arrastados por ella, e por consequencia relativamente immoveis. Qualquer que seja a altura á que nos-elevemos 'n-a atmosphera, jamais chegaremos á collocar-nos fóra d'a attração terrestre e à isolar-nos de seo movimento para verifical-o; a propria lua á 96,000 leguas d'aqui é arrastada 'n-o espaço pel-a translação d'a Terra. Portanto, só pel-o pensamento podemos sentir o movimento de nosso planeta.

E nos-seria possivel chegar a esta sensação curiosa? Vejâmos.

Primeiro que tudo immaginemos que o globo sobre que nos-achâmos gyra 'n-o espaço em razão de 660,000 legoas por dia, ou 27,500 legoas por hora! 30,550 metros por segundo: é uma velocidade mais de cincoenta vezes mais rapida que a de uma bala de artilheria (sendo esta de 550 metros). Podemos, sinão com certeza ào menos aproximadamente, figurar muito bem esta rapidez inaudita, si, representando uma linha de 458 legoas de comprimento, immaginarmos que ella é percorrida pel-o globo terrestre em um minuto. Perpetuamente, sem interrupção, sem tregoa a terra *vôa* assim. Suppondo-nos collocado 'n-o espaço e esperando-a perto de seo caminho para vel-a passar diante de nós como um trem expresso, vel-a-hiamos vir de longe sob a fórma de uma estrella brilhante, e quando se achas-

se á 600 ou 700,000 legoas de nós, isto é, á vinte e quatro horas antes de sua chegada parecer-nos-hia maior do que qualquer estrella conhecida e menor do que nos-parece a lua; como um aerolitho grande, similhante áos que de vez em quando correm 'n-o céo. Quatro horas antes de sua chegada já nos-parece perto de quatorze vezes mais volumosa que a lua, e continuando a crescer desmedidamente occupa dentro em pouco um quarto d'o céo; então distinguimos em sua superficie os continentes e os mares, os pólos cobertos de neve, os grupos de nuvens d'os tropicos, a Europa com suas praias escalvadas.....e talvez divise-se um logarsinho esverdinhado chamado França que não é mais do que a millesima parte d'a superficie inteira d'o globo.... Já então teremos reconhecido seo movimento de rotação sobre seo eixo... mas crescendo, crescendo sempre o globo estende-se de repente como uma sombra gigantesca sobre o céo inteiro, leva seis minutos e meio passando, o que talvez permitta-nos ouvir os gritos d'os animaes selvagens d'as florestas equatoriaes e o sussurro d'os póvos humanos; depois afastando-se com magestade 'n-as profundezas d'o espaço mergulha-se, decrescendo, 'n-a immensidade escancarada sem deixar outro signal de sua passagem mais d'o que um terrifico espanto em nossa vista deslumbrada.

E' sobre esta colossal bala celeste de 3,000 legoas de diametro e d'o peso de 5,875 milhões de milhões de milhares de kilogrammos que estamos disseminados, pequenos seres imperceptiveis, arrastados com uma indescriptivel energia por seos diversos movimentos de translação, de rotação, de oscillação, e por suas inclinações alternativas; quasi como grãos de pó adherentes á uma bala de artilheria atirada 'n-o espaço.

Conhecer esta marcha d'a Terra e sentil-a é possuir uma d'as primeiras e d'as mais importantes condicções d'o saber cosmographico.

Assim vôa a terra 'n-o céo.

A descripção d'esse movimento póde parecer puramente d'o dominio d'a astronomia. Em outro logar provaremos que a philosophia religiosa tem summo interesse 'n-estes factos, e que o conhecimento d'o universo physico é, 'n-a realidade, a base d'a religião do futuro.

Continuemos o exame scientifico de nosso planeta.

As theologias, melhor que nenhum edificio, não podem assentar em chimeras. Ellas tomaram por base o antigo systema d'o mundo que suppunha a Terra immovel 'n-o centro. A as-

tronomia moderna demonstrando a vaidade d'a illusão antiga demonstra a vaidade d'as theologias 'n-ella fundadas.

Este planeta é povoado por um numero consideravel de especies vivas, que foram classificadas em duas grandes divisões naturaes: o reino vegetal e o reino animal. Cada um d'estes seres differe d'as cousas puramente materiaes, dos objectos inanimados, em ser constituido por uma unidade animica, que rege seo organismo. Considerando uma planta, um animal ou um homem, verifica-se que o que 'n-elle constitue a vida é um principio especial, dotado d'a faculdade de obrar sobre a materia, de formar um ser determinado, por exemplo,—uma rozeira, um carvalho, um lagarto, um cão, um homem; de fabricar orgãos, como uma folha, um pistillo, um estame, uma aza, um olho;—principio especial cujo character distinctivo é ser pessoal.

Occupando-nos d'a raça humana, que ha mais de cem seculos estabeleceo 'n-este planeta o reinado d'a intelligencia, notamos que ella é actualmente constituida por 1,200 milhões de individuos vivendo termo medio 34 annos. 'N-a Europa a duração media d'a vida, que, ha um seculo, tem augmentado 9 por cento com o progresso d'o bem-estar, é hoje de 38 annos. Mas ha sobre a terra raças atrazadas, menos afastadas d'a barbaria primitiva, miseraveis e fracas, cuja vida media não excede de 38 annos. Approximadamente morrem por anno 32 milhões de individuos humanos, 80,000 por dia ou quasi 1 por segundo. Nascem 33 milhões por anno ou pouco mais de um por segundo. Cada pulsação de nosso coração—pendula viva de segundos—quasi que marca o nascimento e a morte de um ser 'n-a terra.

Correndo 'n-o espaço com a rapidez que á cima vimos a Terra vê pois uma população humana constantemente renovar-se com uma rapidez igualmente admiravel. De segundo em segundo incarna-se uma alma 'n-o mundo corporeo e outra o-deixa. Um sexto d'os incarnados morre 'n-o primeiro anno; um quarto, antes d'os quatro annos; um terço, aos 14 annos; a metade 'n-a idade de 42 annos. Que lei preside ao nascimento e á morte? E' um problema que a sciencia, e só ella, hade um dia resolver.

A todo o homem que busca a verdade importa ver as cousas taes como ellas são e de face á face para assim adquirir noções exactas d'a disposição d'o universo. Examinemos á principio os factos pura e simplesmente, servindo-nos depois d'a realidade como para procurar penetrar as leis desconhecidas que tem por complemento os factos physicos.

De uma parte verificamos que a Terra é um astro d'o céo, assim como Jupiter ou Sirius, e que ella circula 'n-o espaço eterno por movimentos que nos dão uma medida d'o tempo: os annos e os dias,—medida d'o tempo que estes movimentos criam por si mesmos, màs que não existe 'n-o espaço eterno. De outra parte observamos que os seres vivos, em particular os homens, são formados de uma alma organisadora que é de principio immaterial, independente d'as condicções d'espaço e tempo, e das propriedades physicas que caracterisam a materia, e que as existencias humanas não são o fim d'a criação, màs dão antes a idéa de passagem e meios. A vida sobre a terra não tem seo fim em si mesmo. E' o que, incontestavelmente, resalta d'a propria ordem d'a vida e d'a morte 'n-a terra.

Além d'isto não é a vida terrestre um principio nem um fim; màs effectua-se 'n-o universo, assim como grande numero de existencias diversas, depois de muitas, que tiveram logar em mundos passados, e antes de muitas outras que em mundos futuros hão de ser realizadas. A vida *terrestre* não é o opposto de uma vida *celeste* como suppuzeram theologos que se não apoiavam 'n-a natureza. A vida que floresce 'n-a superficie de nosso planeta é uma vida celeste, assim como a que brilha em Mercurio ou Venus. Actualmente nos-achàmos 'n-o céo tão certo como se-habitassemos a estrella polar ou a nebulosa de Orion.

A terra suspensa 'n-o espaço sobre o fio d'a attracção solidaria d'os mundos leva comsigo 'n-a amplidão as gerações humanas que nascem, brilham alguns annos e desapparecem de sua superficie. Tudo está em movimento, e a circulação d'os seres atravez d'o tempo não é menos certa nem menos rapida que sua circulação atravez do espaço. Este aspecto d'o universo nos-surprehende, é verdade, e parece-nos difficil de definir. Era muito mais simples o aspecto apparente com que durante tantos seculos contentaram-se: a Terra immovel era a base d'o mundo physico e spiritual; a raça de Adão, que era a unica raça humana d'o universo, achava-se aqui para viver lentamente, orar e chorar até o dia, em que, sendo decretado o fim d'o mundo, Deos corporal, assistido por santos e anjos, descesse d'o empyreo para julgar a terra e logo depois transformar o universo em duas grandes secções: o céo e o inferno. Este systema, mais theologico que astrologico, repito, era muito simples e assentado sobre respeitaveis tradicções de um ensino quinze vezes secular. Vindo eu 'n-este decimo nono seculo dizer: «'N-a verdade nossas antigas crenças são fundadas em ap-

parencias mentirozas; agora não devemos reconhecer outra philosophia religiosa senão a que deriva da sciencia » póde-se, evidentemente, não aceeitar de prompto a immensa transformação, que resulta de nossos estudos modernos, màs querer examinar severamente nossa doutrina antes de reconhecer-se discipulo d'ella. E' precisamente o que todos desejamos; a liberdade de consciencia deve preceder a todo o parecer, e todas as opiniões devem ser, livre e successivamente, ordenadas segundo as indicações d'o spirito e d'o coração.

A Terra é um astro habitado, pairando 'n-o céo em companhia de myriadas de outros astros, como ella habitados.

Nossa vida terrestre actual faz parte d'a vida universal e eterna assim como a d'os habitantes d'os outros mundos. O espaço é povoado por colonias humanas vivendo ào mesmo tempo em globos afastados uns d'os outros apenas unidos entre si por leis d'as quaes ainda não conhecemos senão as mais apparentes.

O plano geral de nossa fé (1) 'n-a vida eterna compõe-se, pois, d'os pontos seguintes:

1.° A Terra é um astro d'o céo;

2.° Os outros astros são habitados como ella;

3.° A vida da humanidade terrestre é um departamento d'a vida universal;

4.° A existencia actual de cada um de nós *é uma phase de nossa vida eterna*,—eterna 'n-o passado como 'n-o futuro.

Este simples plano geral de nossa concepção d'a vida eterna, ainda que apoiado 'n-a observação e 'n-o raciocinio e indestructivel 'n-estes quatro principios elementares, está, entretanto, ainda longe de ser livre de objecções; pel-o contrario, um certo numero de difficuldades pódem ser-lhe oppostas e já o-tem sido quer pelos partidarios d'as theologias antigas quer pelos philosophos anti-spiritualistas. Eis-aqui as principaes d'ellas:

—Que próvas póde-se obter de que nossa existencia actual seja uma phase d'a pretendida vida eterna? Si a alma sobrevive ào corpo, como póde ella existir sem materia e privada d'os sentidos que a-punham em relação com a natureza? Si ella preexiste, de que modo tem-se incarnado em nosso corpo, e em que momento? O que é a alma? em que consiste este ser?

(1) Servindo-me aqui d'a palavra fé, não quero conservar-lhe o sentido theologico em que ainda hoje é empregada; màs fallo d'a fé scientifica, racional que é a mesma consequencia legitima d'o estudo philosophico d'o universo.

occupa um lugar? como obra sobre a materia? Si já temos vivido, porque não temos geralmente nenhuma lembrança? Como a personalidade de um ser póde existir sem a memoria? Nossas recordações residem em nosso cerebro ou em nossa alma? Si reincarnàmos successivamente de mundo em mundo, quando findará esta transmigração, e para que serve? etc., etc.

Longe de fugir ás objecções ou de parecer desprezal-as, e uma vez que procuràmos a verdade e cremos obtel-a só á custa de trabalho, nosso dever pel-o contrario é provocal-as abstendo-nos com isso de contentarmo'-nos com illusões, pensando que nossas crenças estão já fundadas e são inatacaveis.

A sciencia caminha lenta e progressivamente, e é sondando a profundeza d'os problemas e attacando de face as questões, que applicaremos à estes estudos philosophicos a severidade e rigor necessarios para dar à nossos argumentos a solidez que lhes-convém. A revelação moderna não procede d'a bocca de um Deos incarnado, màs d'os esforços d'a intelligencia humana para o conhecimento d'a verdade.

'N-um proximo estudo procuraremos conhecer qual é a natureza d'a alma; empregando 'n-este exame, não os syllogismos d'a logomachia scholastica com os quaes durante quinze seculos tem-se perorado sem nunca chegar a um fim serio, màs os processos d'o methodo scientifico experimental à que nosso seculo deve toda sua grandeza.

Hoje estabelecemos um primeiro aspecto, muito importante, d'o problema natural (e não sobre-natural) d'a vida eterna: é saber que nossa vida actual effectua-se 'n-o céo fazendo parte d'a serie d'as existencias celestes, que constituem a vida universal, e que *actualmente estamos no céo de* Deos, e em presença d'o Spirito eterno, tão completamente como si habitassemos qualquer outro astro d'o grande archipelago estrellado.

Possa esta certeza physica inspirar à nossas almas uma sympathia mais directa, mais humana, pel-os mundos, que brilham 'n-a noute, e que até aqui olhavamos como sendo-nos estranhos! Alli são as residencias d'as humanidades nossas irmãs; as residencias menos longinquas!

Olhando para uma estrella que apparece 'n-o horizonte estâmos 'n-a situação de um observador que de sua sacada contempla as arvores de uma campina distante, ou que inclina-se á borda d'o navio ou d'o aerostato para examinar um navio 'n-o mar ou uma nuvem 'n-a atmosphera; porque a Terra é um na-

vio celeste, que navega 'n-o espaço, de cuja borda olhâmos, quando nossos olhos dirigem-se para os outros mundos, que apparecem e desapparecem, segundo nosso rumo.

Sim, estes mundos são outras tantas Terras, análogas á nossa balouçadas 'n-a amplidão áos raios d'o mesmo sol, e todas as estrellas scintillantes são sóes, em torno d'os quaes gravitam mundos habitados. Sobre estes mundos, assim como sobre o nosso, ha campinas silenciósas e solitarias. Em sua superficie achamse tambem disseminadas cidades populosas e activas. Tambem para elles o occaso tem nuvens inflammadas e a aurora magicos encantos. Elles tem mares que exhalam profundos gemidos, e regatos de um murmurio manso, onde reside a inalteravel paz d'a natureza; lagos de um reflexo tranquillo que parecem sorrir ao céo e montanhas immensas, que, elevando sua fronte sublime ácima d'as nuvens fulgurósas, d'o alto d'o tranquillo espaço olham para tudo.

Ha além disto, 'n-estes variados mundos, panoramas inenarraveis desconhecidos á Terra, e uma inimaginavel variedade de cousas e de seres que a natureza espalhou com profusão em seo imperio sem limites. Quem nos-revelará o espectaculo d'a criação sobre os anneis de Saturno? Quem nós-revelará as metamorphoses maravilhósas d'o mundo d'os comêtas? Quem nosdesinvolverá os systemas encantadores d'os sóes multiplos e corados dando á seos mundos as mais singulares variedades de annos, de estações, de dias, de luz e de calor?

Quem nos-fará advinhar sobretudo a innumeravel variedade d'as fórmas vivas, que as forças d'a natureza têem construido sobre os outros mundos com a diversidade especial á cada um em seo volume, peso, densidade; sua constituição geologica e chimica; as propriedades physicas de suas diversas substancias; em uma palavra, com a infinita variedade de que são susceptiveis a materia e as forças?

As metamorphoses d'a antiga mythologia não são mais d'o que um sonho comparadas com as obras universaes d'a natureza celeste.

Hoje esboçâmos a situação cosmographica d'a alma em sua incarnação terrestre. Nosso proximo estudo terá por objecto a propria natureza d'a alma, e resolverá por si mesmo as objecções àcima reunidas. E' estudando separadamente os differentes ponctos d'o grande problema que poderemos chegar á solução esperada ha tantos seculos.

CAMILLE FLAMMARION.

REVISTA RETROSPECTIVA

O LIVRO D'OS SPIRITOS.

Esperando que seja publicado o *Livro d'os Spiritos* em lingua portugueza,—o que, como sabemos de boa fonte, reservou-se fazer mais tarde e em tempo opportuno, a *Sociedade anonyma d'o Spiritismo de Paris*, julgámos que poderia ser, sinão util, pelo menos agradavel aos leitores d'o *Echo d'além-tumulo*, o conhecerem a apreciação que d'elle foi feita em França, desde o principio, pela imprensa *séria*, bem como a impressão que, geralmente, elle produziu 'n-os spiritos. Para isso será sufficiente reproduzir o artigo publicado à este respeito pel-o *Courrier de Paris*, de 11 de julho de 1857, e duas tão sómente d'as numerosas cartas dirigidas ao Sr. Allan-Kardec, quasi 'n-a mesma épocha. Ao mesmo tempo, ler-se-ha talvez com prazer, o resumo d'as respostas dadas pelo mesmo às questões, que se-lhe-havia feito sobre o modo, pelo qual obtivera as communicações, que são o objecto d'essa obra importante; resumo que se-lerá immediatamente depois d'o artigo e cartas que acabamos de mencionar.

Seja-nos licito aproveitarmos a occasião para dirigir ào *Diario d'a Bahia*, os nossos agradecimentos pessoaes e as nossas mais sinceras felicitações, por ter sido elle, desde 1865, o primeiro entre os orgãos d'a imprensa brazileira, que não haja duvidado acolher em suas columnas, artigos em favor d'a verdadeira doutrina spiritica: eguaes sentimentos tributâmos ào *Jornal d'a Bahia*, e ào *Interesse Publico* por terem, como somos informados, recebido generosamente em suas columnas artigos sustentando o Spiritismo.

Ousamos esperar que esse nobre exemplo de independencia e imparcialidade, será seguido, mais cedo ou mais tarde, pel-a imprensa d'o Brazil todo, pois nunca ficou ella indifferente à nada d'o que póde contribuir para accelerar a marcha d'a humanidade 'n-o caminho d'o progresso moral.

Quanto à nós, hospede agradecido d'esse bello paiz, onde, durante perto de quinze annos, tivemos a honra de exercer o magisterio, e que compraz-nos considerar como uma outra patria, julgar-nos-hemos feliz em podermos cooperar, segundo as nossas forças e fracos meios, com os nossos muito distinctos irmãos spirîtas d'a Bahia, 'n-a propagação d'essa doutrina eminente-

mente regeneradora, cujo fim principal é estabelecer por meio d'a charidade christan, o reinado de Deos sobre a terra, e que 'n-o entanto proporciona as mais doces consolações à quantos conseguem comprehendel-a.

Oloron, 1870.

Casimir Lieutaud.

O LIVRO D'OS SPIRITOS

Contendo os principios d'a doutrina spiritica sobre a natureza d'os seres d'o mundo incorporeo, suas manifestações e relações com os homens; as leis moraes, a vida presente, a vida futura e o porvir d'a humanidade, segundo o ensino dado pel-os Spiritos superiores por intermedio de diversos mediuns, recolhidos e ordenados por Allan Kardec.

Esta obra, bem como o-indica seo titulo, não é uma doutrina pessoal; é o resultado d'o ensino directo d'os proprios Spiritos á cerca d'os mysterios d'o mundo onde estaremos um dia, e sobre todas as questões que interessam a humanidade; elles nos dão de algum modo o codigo d'a vida, indicando-nos a senda d'a felicidade futura.

Não sendo este livro o fructo d'as nossas proprias idéas, (1) visto que tinhamos á respeito de muitos ponctos importantes uma opinião de todo differente, nossa modestia nada soffreria com os nossos elogios; preferimos, comtudo, deixar fallar os, que inteiramente são desinteressados 'n-a questão.

O *Courrier de Paris* de 11 de julho de 1857, continha à cerca d'este livro o artigo seguinte:

A DOUTRINA SPIRITICA.

Acaba o editor Dentu de publicar, ha pouco, uma obra mui notavel; iamos dizer mui curiosa, ha, porém, cousas que excluem toda a qualificação trivial.

E' o Livro d'os Spiritos, d'o Sr. Allan-Kardec, uma pagina nova d'o proprio grande livro d'o infinito, e estamos persuadido que se-ha de pôr um registo 'n-essa pagina. Muito sentiriamos que se-acreditasse que vimos fazer aqui um reclamo bibliographico; si podessemos suppôr que assim fosse, quebra-

(1) E' Allan Kardec quem falla.

riamos immediatamente a nossa penna. Não conhecemos por modo nenhum o autor, màs confessâmos abertamente que seriamos feliz em conhecel-o. Aquelle que escreveu a introducção collocada 'n-o frontispicio d'o Livro d'os Spiritos deve ter a alma aberta para todos os sentimentos nobres.

Para que não se possa, além d'isso, suspeitar de nossa bôa fé, e accusar-'n-os de parcialidade, diremos, com toda a sinceridade, que nunca fizemos um estudo profundado d'as questões sobre-naturaes. Todavia, si os factos que se-têem produzido, não nos-admiráram, nunca, pel-o menos, nos-fizeram levantar os hombros.

Somos de algum modo d'o numero d'esses à quem chamam visionarios, porque inteiramente não pensam como toda a gente. A vinte leguas de Paris, de tarde, debaixo d'as grandes arvores, quando só tinhamos em redor de nós algumas choupanas disseminadas, temos naturalmente pensado em cousas de todo oppostas á praça-d'o-commercio, ào macadame d'os passeios-publicos ou ás corridas de Longchamps. Muitas vezes perguntamo-nos à nós mesmos e isso, muito antes de termos ouvido fallar d'os mediuns, o que se-passava 'n-o que convencionou-se chamar *Lá em cima*. Outr'ora até esboçamos uma theoria àcerca d'os mundos invisiveis, que tinhamos cuidadosamente guardado para nós, e que bem feliz nos-reputamos de encontrar quasi toda por inteiro 'n-o livro d'o Sr. Allan Kardec.

A todos os desherdados d'a terra, à quantos marcham ou cahem banhando com suas lagrymas o pó d'o caminho, diremos: Lêde o *Livro d'os Spiritos*, tornar-vos-heis mais fortes. Aos afortunados tambem, áquelles que só encontram em seo caminho as acclamações d'o povo ou os sorrisos d'a fortuna, diremos: Estudai-o, tornar-vos-heis melhores.

A substancia d'a obra, disse o Sr. Allan Kardec, deve ser revindicada pelos Spiritos que a têem dictado. Ella está admiravelmente classificada por perguntas e respostas. São essas ultimas algumas vezes simplesmente sublimes; não nos-admira isso. Não careceu, porêm, de um grande merecimento aquelle que soube provocal-as?

Desafiâmos ào mais incredulo que ria-se lendo esse livro 'n-o silencio e 'n-o recolhimento. Todos hão de honrar o homem que d'elle escreveu o prefacio.

Resume-se a doutrina em duas palavras: *Não façais àos outros o que não quererieis que vos-fizessem*. Sentimos que o Sr. Allan-

Kardec não tenha accrescentado: *e fazei àos outros o que quereríeis que vos-fizessem.* O Livro, comtudo, o diz claramente, e até não seria completa a doutrina sem isto. Não basta deixar de fazer o mal: é igualmente necessario praticar o bem. Si só fordes um homem honesto, somente preenchestes a metade d'o vosso dever. Sois um atomo imperceptivel d'aquella grande machina a que se chama o mundo, e onde nada deve ser inutil. Não nos-digais sobretudo que se-pode sêr util sem praticar o bem; ver-nos-hiamos obrigado à replicar-vos por um volume inteiro.

Ao ler as admiraveis respostas d'os Spiritos 'n-a obra d'o Sr. Allan-Kardec dissemos comnosco que haveria um bello livro que escrever. Bem de pressa reconhecêmos que nos-tinhamos enganado: Jà existe o Livro;—damnifical-o é o que se-poderia fazer si se-procurasse completal-o.

Sois um homem letrado, e possuìs a boa fê que só procura instruir-se? Lêde o capitulo primeiro sobre a doutrina Spiritica.

Achaes-vos collocado 'n-o numero d'os que se-occupam unicamente de si, que tratam tranquillamente, como costuma-se dizer, d'os seos pequenos negocios e não enchergam nada fóra de seos interesses? Lêde as *Leis moraes.*

Acaso persegue-vos a desgraça com encarniçamento, e voscerca a duvida com o seo aperto glacial? Estudai o capitulo terceiro: *Esperanças e consolações.*

Todos vós que tendes nobres pensamentos 'n-o coração e que acreditais 'n-o bem, lêde o livro por inteiro.

Si houvesse alguem que achasse 'n-isto um motivo qualquer de zombaria, lastimariamos esse alguem sinceramente.

G. DU CHALARD.

Bordeaux, 25 de abril de 1857.

SENHOR.

Submettestes a minha paciencia à uma mui rude provação, por ter-se differido a publicação d'o *Livro d'os Spiritos*, annunciada ha tanto tempo; felizmente não perdi nada por ter esperado, pois excede todas as idéas que d'elle eu tinha podido conceber pel-o programma. Descrever-vos o effeito que em mim

tem elle produzido, seria cousa impossivel; estou qual um homem que acaba de sahir d'a escuridão; parece-me que uma porta, até hoje fechada, acaba de abrir-se de repente; minhas idéas tem-se elevado em algumas horas! Oh! quão mesquinhas e pueris parecem-me a humanidade e todas as suas miseraveis preocupações, em comparação d'esse porvir, d'o qual não duvidava, porém, que, para mim, achava-se tão obscurecido pelos preconceitos, que 'n-elle apenas pensava-eu!

Pel-o ensino d'os Spiritos, apresenta-se elle debaixo de uma fórma determinada, comprehensivel, grandiosa e bella, e em harmonia com a magestade d'o Creador. Quem quer que lêr, como eu, aquelle livro, meditando-o, hade 'n-elle achar thesouros inexhauriveis de consolações, pois elle abrange todas as phases d'a existencia. Tenho soffrido perdas que muito me tem affligido; hoje não me-causam mais pezar nenhum, e a minha preocupação toda é empregar utilmente o meo tempo e minhas faculdades para accelerar o meo adiantamento, pois o bem tem agora um objecto para mim, e comprehendo que uma vida inutil é uma vida de egoista, que não póde fazer com que demos um passo 'n-a vida futura.

Si todos os homens que pensam como vós e eu, (e achar-se-ha muitos, d'isso tenho esperança por honra d'a humanidade), podessem entender-se, reunir-se, obrar de commum occordo, que poder não teriam elles para accelerarem essa regeneração que nos-está annunciada! Quando fôr para Paris, terei a honra de visitar-vos, e si não fôr abusar de vosso tempo, pedir-vos-hei algumas explicações sobre certos pontos, e alguns conselhos sobre a pratica d'as leis moraes, em circumstancias que pessoalmente me-tocam.

Dignae-vos 'n-o entanto, Senhor, aceitar a expressão de meo inteiro reconhecimento, pois me-proporcionastes um relevante beneficio, mostrando-me o caminho d'a unica felicidade verdadeira 'n-este mundo, e ser-vos-hei, talvez, devedor, além d'isso, por um melhor logar 'n-o outro.

Vosso muito dedicado

D.... capitão reformado.

Lyon, 4 de julho de 1857.

SENHOR.

Não sei como exprimir-vos o meo agradecimento pel-a publicação d'o *Livro dos Spiritos*, que estou tornando à ler. Quão consolador é para a humanidade o que estais nos-ensinando?

Confesso-vos que, por minha parte, estou mais forte e mais corajoso, para supportar as penas e desgostos inherentes á minha existencia: Eu faço com que alguns amigos meos compartilhem as convicções, que tenho adquirido com a leitura de vossa obra: acham-se n-isso mui felizes; comprehendem agora as desigualdades d'as posições 'n-a sociedade e não continuam à murmurar contra a Providencia; a firme esperança de um porvir mais feliz, si se-comportarem bem, os-consola e dá-lhes animo.

Eu desejaria, senhor, ser-vos util; não sou mais d'o que um pobre filho d'o povo que conseguiu uma modica posição por seo trabalho, porém que carece de instrucção, por ter sido obrigado à trabalhar desde mui tenra edade; comtudo sempre amei muito á DEOS, e fiz todos os meos esforços para tornar-me util àos meos similhantes; pel-o que procuro com cuidado tudo quanto pode concorrer para felicidade de meos irmãos. Vâmos reunir alguns adeptos, que estavam dispersos; esforçar-nos-hemos o mais possivel, para ajudar-vos: arvorastes a bandeira, a nós compete seguir-vos; confiamos em vosso apoio e conselhos.

Sou, senhor, atrevo-me á dizer, meo collega, o vosso de todo dedicado.

C.....

Tem-se-nos dirigido muitas vezes questões sobre o modo, por que obtivemos as communicações que fazem o objecto d'o *Livro d'os Spiritos*.

Resumimos aqui com tanto mais gosto as respostas que demos a este respeito, quanto nos-dêr isto occasião de cumprir com um dever de gratidão para com as pessoas, que se-dignaram prestar-nos a sua cooperação.

Bem como temol-o jà explicado, as communicações por pancadas ou *typtologia*, são demasiadamente lentas e incompletas para um tão extenso trabalho; por isso nunca empregâmos esse meio; obteve-se tudo pela escripta e por meio de alguns mediuns psychographos. Preparâmos nós mesmo as perguntas e

coordenâmos a obra toda; são as respostas textualmente as que dêram os Spiritos; foram a maior parte escriptas em nossa presença, são algumas tiradas d'as communicações que nos-enviáram correspondentes, ou que colligimos por toda a parte onde estivemos em estado de fazer estudos: para isso os Spiritos parecem multiplicar âos nossos olhos os assumptos de observação.

Entre os primeiros mediuns, que concorrêram para nosso trabalho, sobre-sahe a Senhora B.***, cuja complacencia nunca nos-faltou; quasi que foi o livro escripto inteiramente por seo intermedio, e em presença de um numeroso auditorio, que assistia ás reuniões, e por ellas tomava o maior interesse. Os Spiritos mais tarde prescrevêram sua completa revisão em conferencias particulares, para fazer-lhe as addições e correcções que julgaram necesarias.

Foi esta parte essencial d'o trabalho feita com a assistencia d'a Sra. Japhet, (1) que prestou-se, com o maior obsequio e o mais completo desinteresse, á todas as exigencias d'os Spiritos, pois eram elles que fixavam os dias e horas de suas instrucções. Não seria o desinteresse 'n-esse caso, um merecimento particular visto desaprovarem os Spiritos qualquer trafico que se possa fazer de sua presença; a Sra. Japhet, que é igualmente muito notavel somnambula, tinha o seo tempo utilmente empregado; comprehendeu porém que é tambem fazer d'elle um emprego proveitoso o consagral-o á propagação d'a doutrina. Quanto à nós, declarâmos desde o principio, e comprazemo-nos em confirmal-o n'essa occasião, que nunca pretendemos fazer d'o *Livro d'os Spiritos* o objecto de uma especulação, tendo de ser os productos destinados para cousas de utilidade geral; por isso sempre seremos agradecido para com as pessoas, que, voluntariamente, e pel-o amor d'o bem quizerem cooperar 'n-a obra á que nos-temos dedicado.

A. KARDEC.

(1) Rua Tiquetonne, 14.

O Magnetismo e o Spiritismo.

(1858)

Quando appareceram os primeiros phenomenos spiriticos, pensáram algumas pessoas que essa descoberta (si é que se-lhe póde dar esse nome) ia dar um golpe fatal 'n-o magnetismo, e que com isso se-daria o que costuma acontecer com as invenções, das quaes a mais aperfeiçoada faz esquecer sua antecessora. Não tardou em dissipar-se este erro, e reconheceu-se promptamente o intimo parentesco d'essas duas sciencias. Ambas, com effeito, baseadas sobre a existencia e manifestação d'a alma, em vez de se combaterem reciprocamente, podem e devem prestar-se um mutuo apôio: completam-se e explicam-se uma pela outra. Differem todavia os seos adeptos respectivos em alguns ponctos; certos magnetistas (1) não admittem ainda a existencia, ou pelo menos a manifestação d'os Spiritos: elles julgam poder explicar tudo pel-a unica acção d'o fluido magnetico, opinião essa que nos limitâmos em attestar, reservando-nos discutil-a mais tarde. A principio compartilhâmos até essa mesma opinião; foi porém mister inclinar-nos diante d'a evidencia d'os factos. Os adeptos d'o Spiritismo, pel-o contrario, reconhecem todos o magnetismo; todos admittem sua acção e vêem 'n-os phenomenos somnambulicos uma manifestação d'a alma. Vai comtudo dia por dia diminuindo essa opposição, e é facil de prever que não está affastado o tempo, em que terá cessado toda a distincção. Essa divergencia de opiniões nada tem que deva sorprehender. 'N-o começo de uma sciencia ainda tão nova, é mui natural que cada-um, considerando a cousa 'n-o seo poncto de vista, d'ella tenha formado uma idéa differente. As sciencias mais positivas tivéram e tem ainda as suas seitas que sustentam com ardor theorias contrarias; os sabios oppuzéram escholas a escholas, bandeira a bandeira, e demasiadas vezes para sua dignidade, a sua controversia, tendo-se tornado irritante e aggressiva pel-o amor-proprio offendido, sahiu d'os limites de uma prudente discussão.

Esperamos que os partidarios d'o Magnetismo e d'o Spiritismo, melhor inspirados, não darão ào mundo o escandalo de

(1) O magnetisador é aquelle que pratica o magnetismo; magnetista diz-se de todo aquelle que adopta seos principios; pode uma pessoa ser magnetista sem ser magnetisador; porém ninguem pode ser magnetisador sem ser magnetista.

discussões tão pouco edificantes e sempre fataes á propagação d'a verdade, de qualquer lado que esteja. Pode-se ter uma opinião, sustental-a, discutil-a, o meio porém de esclarecer-se não é dizer mal uns d'os outros, procedimento esse sempre pouco digno de homens serios, e que torna-se desprezivel si entrar em jogo o interesse pessoal.

Preparou o Magnetismo os caminhos d'o Spiritismo, e os rapidos progressos d'esta ultima doutrina devem, incontestavelmente ser attribuidos á vulgarisação d'as idéas sobre a primeira. D'os phenomenos magneticos, d'o somnambulismo e d'o extasis para as manifestações spiriticas, não ha senão um passo; tão grande é a sua connexão, que é, por assim dizer, impossivel fallar de um sem fallar d'o outro. Si devessemos ficar apartados d'a sciencia magnetica, seria incompleto o nosso plano, e poder-se-hia comparar-nos à um professor de physica que deixasse de fallar d'a luz. Todavia, como já entre nós (2) o magnetismo tem orgãos especiaes justamente acreditados, tornar-se-hia superfluo estendermo-nos sobre um assumpto tratado com a superioridade d'o talento e d'a experiencia; d'elle por conseguinte fallaremos accessoria, mâs sufficientemente para mostrarmos as relações intimas de duas sciencias que, 'n-a realidade, não fazem sinão uma só.

Deviamos àos nossos leitores esta profissão de fé que terminâmos prestando uma justa homenagem àos homens de convicção que, affrontando o ridiculo, os sarcasmos e desgostos, tem-se dedicado corajosamente, á defeza d'uma causa essencialmente humanitaria. Seja qual for a opinião d'os contemporaneos á seo respeito, opinião essa que sempre é mais ou menos o reflexo das paixões militantes, a posteridade será justa para com elles; ella ha de collocar os nomes d'o barão Du Potet, director d'o *Jornal d'o Magnetismo*, d'o Sr. Millet, director d'a *União Magnetica*, ào lado de seos illustres antecessores, o marquez de Puységur e o erudito Deleuze. Em consequencia d'os seos esforços perseverantes, o magnetismo, tornado popular, poz um pé 'n-a sciencia official, onde já se-falla d'elle em voz baixa. Passou essa palavra 'n-a linguagem usual; não assusta mais ella, e quando alguem se-diz magnetisador, não é mais escarnecido.

ALLAN-KARDEC.

(2) O author refere-se á França, onde o magnetismo possue imprensa, que especialmente estuda os factos.

VARIEDADES

As duas Irmans Gemeas.

A 15 de março de 1865 o Sr. e a Sra. Lewis E. Waterman, de Cambridge (Massachussetts), tiveram duas gemeas, d'as quaes somente uma viveu; chamaram-na Rosa. N-essa epocha já elles tinham duas meninas de quatro annos de edade. O Sr. e a Sra. Waterman criam 'n-os ensinos *d'a doutrina orthodoxa*; mas elles conheciam o *Spiritualismo* e o-mettiam à ridiculo, principalmente a Sra. Waterman. Si àcaso assistiam à alguma conferencia ou sessão, consideravam isso como um motivo de distracção.

Antes de poder fallar a menina Rosa manisfestou um grande amor pel-as flores, gostando principalmente d'os botões de rozas, e para fazer-lhe a vontade punham-lhe 'n-o peito flores artificiaes, que eram substituidas quando se amarrotavam.

Quando Rosa começou à andar só, evitava suas irmans, e parecia estar muito satisfeita brincando à sós ou com uma *companheira imaginaria*, porque seos paes haviam notado que ella estendia sempre a mão para darem-lhe um segundo pedaço de batata ou bôlo como si tivesse de prover ás necessidades de outro menino.

Aos dous annos principiou à fallar, e um dia que ella se intretinha com sua *companheira invisivel*; perguntou-se-lhe com quem ella brincava?—«Com minha irmansinha Lily,» respondeu ella.—«Por que pedis duas batatas?—Quero uma para Lily.» Quando os que a-visitavam perguntavam-lhe seo nome: «Botão-de-Rosa, respondia ella.

—É por isso que trazeis sempre um preso à vosso peito?

—Não, é porque minha irmanzinha Lily traz um.

—Onde está vossa irmansinha Lily?—Minha irmansinha está no céo.

—Onde é o céo?—Aqui, minha Lilysinha está aqui.»

Muitas perguntas similhantes faziam-se à esta interessante menina e suas respostas *eram sempre conformes, implicando a presença de sua Lilysinha*, que não só brincava com ella de dia, màs era tambem de noite sua camarada de cama, porque Rosa tomava seo travesseirinho 'n-os braços, acariciava-o, chamando-o sua Lilysinha; e fazia a descripção d'ella à seos paes, dizendo

que tinha bonitos cabellos louros, olhos azues, uma capa bonita e queria que sua mãe lhe-fizesse outra egual.

'N-o mez de Janeiro de 1868 encontrou-se em seo poder um botão de rosa viçoso e cheiroso. D'onde o-tinha ella tirado? Era um mysterio para a familia, porque em casa não havia, e ninguem tinha entrado que lh'o podesse fornecer; perguntou-se-lhe, pois: «Onde achastes esta linda flor?—Foi minha Lily que m'a-deu,» respondeu ella. Outras vezes eram pensamentos que lhe-eram transmittidos. Nenhuma importancia ligavam os paes à estes factos, quando alguem fallou d'o spiritualismo e empenhou o Sr. Waterman à consultar um medium. Tendo seguido o conselho, teve por si a prova de que Lily não era um ser imaginario, mas realmente o Spirito de sua filha, a irman gemea de Rosa. A Sra. Waterman, tornando-se medium escrevente, por seo intermedio obtiveram communicação de diversos Spiritos, que deram-lhes provas notaveis de identidade, principalmente a d'o Spirito Abby, uma tia da Sra. Waterman, em cuja casa passara sua juventude.

Taes próvas reunidas àos factos e gestos de Rosa com sua pequena Lily, provaram àos consortes Waterman a realidade d'a communicação d'os Spiritos com os mortaes.

Certa manhã trouxe Rosa á sua mãe uma madeixa de cabellos dizendo:—«Maman, minha Lilysinha mandou-me que te-désse isto.» A mãe, muito *admirada*, sentiu-se impressionada para escrever e obtem uma communicação d'o Spirito d'a tia de M. Waterman, 'n-a qual dizia ella que aquelles cabellos eram os seos, e que breve teriam tambem os d'a pequena Lily. Com effeito, 'n-a mesma tarde acharam elles uma madeixa 'n-a cama de Rosa, madeixa doirada como nunca tinham visto egual.

(Extrahido d'o *Spiritual Magazine* de Londres, e publicado pel-a *Revue Spirite* de Paris).

A Incredulidade.

Sem crenças religiósas não póde o homem ser ditoso: concentradas suas impressões 'n-o presente, uma triste recordação d'o passado e o nada 'n-o futuro: eis-ahi tudo.

Examinemos.

O passado tem a propriedade de apresentar-se á nossa ima-

ginação como um quadro phantastico e bello; mais bello sempre que o presente. O passado era a juventude, os amores, a alegria. Quem alguma vez não exclamou:—felices tempos aquelles!... A memoria, fiel ào successos d'o passado, os-recopila, guarda-os, e 'n-os instantes supremos d'o presente examina-os um por um em todos os seos pormenores, compara-os ou lamenta-os como uma ventura perdida que não mais voltará, ou soffre cruelmente ante um phantasma aterrador que lhe-recorda um crime. A ventura de hontem é a tristeza de hoje.

Diz-se vulgarmente que a terra é um valle de lagrimas, e realmente o-é; as penas e o soffrimento constituem o estado normal de seos habitantes; os gozos e alegria são periodos fugaces, minutos de tregoa concedidos á dor: não porque o mal seja sua condição natural, senão porque a humanidade não sabe ser ditosa; tempo virá, em que o progresso levantando o Spirito ao mais alto grão de moralidade e intelligencia, estabeleça 'n-esta, hoje triste mansão, o reinado d'o amor e d'a justiça, convertendo-a 'n-um valle de felicidade; restringindo-nos, porém, ao presente, é o mundo um verdadeiro purgatorio, onde cumpre-se a expiação d'as faltas commettidas em existencias anteriores, e submettendo-se o Spirito á novas próvas realisa seo progresso. Esta é a causa de não encontrar 'n-ella a felicidade material á que se aspira. Os gozos materiaes são sempre ephemeros, e após si deixam um traço de dor. Em summa o incredulo soffre pel-o passado e 'n-o presente; não gosa, por que se-julga sem futuro; carece de esperança, esse pharol luminoso que annuncia a chegada ào porto d'a ventura, e a entrada 'n-a eternidade: ainda quando só fosse por egoismo, devia esforçar-se por levar à sua alma a crença de uma vida ulterior á terrestre. Não se cança por buscar a felicidade presente?... encontral-a-hia 'n-a esperança. A esperança minora os soffrimentos, e dá valor 'n-as próvas. O lavrador que á custa de trabalho sulca a terra e a prepara para o fructo, é constante em sua fadiga e supporta com alegria tão rude tarefa fiado 'n-a esperança de uma bôa colheita: Aquelle que sabe que o soffrimento d'a vida lhe-ha de produzir uma colheita de felicidade relativa á seos esforços, arma-se de resignação e de valor e impassivel transpõe o aspero caminho d'a existencia, sem que o temor d'os escolhos que tem de affrontar o-faça retroceder um só passo.

O incredulo cança-se de uma vida que nada lhe-offerece;

olha-a como um sacrificio esteril, e ás vezes busca um termo 'n-o suicidio. Desgraçado! Então terrivel é sua expiação: pel-o contrario aquelle que põe sua esperança em Deos procura conservar sua existencia corporea como um meio fecundo em meritos para alcançar a vida positiva d'o Spirito; e si alguma vez suas forças desfallecem, eleva suas vistas ao Céo, ora e com a esperança de novo adquire seo valor.

(El Espiritismo, Revista Quincenal de Sevilla:—Outubro, 1869*).*

Sonho e visão.

(Bahia: 1866)

Haviam onze mezes que a Sra. Dona J., que então contava apenas 16 annos, perdera sua estimavel e virtuosa mãe, quando 'n-a noite de 11 de Julho de 1866, em um sonho, que bem póde ser considerado uma especie de exemplo symbolico d'a direcção moral que devia dar á sua vida, se-lhe-apresenta ella em uma occasião de embaraço e dûvida, indicando-lhe o melhor caminho à seguir, porque, embhora aspero e difficil, era, entretanto, o unico que a-podia conduzir, esperançosamente, àos umbraes d'a verdadeira felicidade. Eis a discripção singela d'esse sonho, feita pel-a propria môça.

«—Sonhei que me-achava em uma estrada muito larga, com « cêrca de um lado e mattos d'o outro, mas o centro da estrada « muito limpo e liro; ahi appareci sem saber d'onde vinha, e en- « tretanto caminhava: andei e andei muito sem tambem saber « para onde ia, e então disse:—*Meo Deos, onde estou, que logar será* « *este?!* N-isto olho casualmente para a esquerda e vi uma outra « estrada tambem muito larga, e até muito bonita com cêrca de « ambos os lados, feita com todo o esmero; ahi fiquei indecisa « sobre o caminho que deveria seguir, si em frente ou pel-o la- « do esquerdo: todavia pretendia seguir pela esquerda, por que « o caminho que seguia em frente era de arrepiar.

« N-esta occasião, porêm, appareceu-me pel-a direita, minha « mãe, como que para impedir a minha viagem por alli, e foi « logo me-dizendo: —*Minha filha, que fazes aqui?*—Màs eu nada « lhe-respondi. Vendo ella que eu ficava calada, perguntou-me « ainda:—*Por onde pretendes tu ir*? Eu lhe-respondi:—*Por aqui*, « e apontei para o meo lado esquerdo; ella então me-disse:—

« *Não deves seguir este caminho, que não é bom, e sim por este*
« (apontando para o que seguia em frente); fiz ainda esta peque-
« na observação:—*Mas este caminho, minha mãe, está tão feio,*
« *cheio de pedras assim tão agúdas! isto hade doer 'n-os pés, eu*
« *acho este melhor;* e apontei para o lado.

—« *E' o, que tu pensas,* disse-me ella; 'n-isto pegou em mi-
« nha mão e me levou pel-o caminho que eu tinha achado máo:
« não tive outro remedio sinão seguir os passos d'ella.

« Fui à custo andando por cima d'aquellas pedras por onde andei muito e muito; caminhava de cabeça baixa para escolher onde devia pisar; màs todo o caminho era o mesmo; quando levantei a cabeça para fallar com minha mãe, vi então em frente, como que fechando o caminho um portão immenso, pintado de vêrde-claro. Perguntei que portão era aquelle; nada me-respondeu: calei-me tambem e fui continuando à seguir os seos passos. Chegàmos emfim ào immenso portão. Minha mãe bateu; abriu-se uma fresta apenas; minha mãe passou, quiz tambem entrar, « acompanhando-a, mas ella obstou-me dizendo:—*Ainda não é*
« *tempo de tu entrares aqui.*

« E o portão fechou-se immediatamente.

« Fiquei só 'n-aquelle logar chorando: chamei por minha mãe, tornei à chamar e chamei sempre, porêm debalde, porque não me-respondeu mais.

« Fiquei então muito afflicta, e 'n-essa afflicção acordei.»

Aphorismos Spiriticos

***

XXVIII—A mediumnidade é um meio equivalente à um sentido mais, pel-o qual o homem vê o mundo spiritual; e pel-o qual lhe-é visivel e sensivel a continuação d'a existencia de seo sêr.

***

XXIX—A incredulidade é uma mascara; porque não ha um só homem que 'n-o mais recondito d'o coração não tenha alguma scentelha de fé nativa, bebida na fonte d'o amor d'Aquelle que o-creou.

***

XXX—N-a hora d'o perigo e d'a morte vê-se cahir a soberba d'o incredulo: elle tem mêdo d'a cóva, em que vae ser sepultado; tem mêdo d'o nada, que tanto preconisava; tem mêdo de Deos à quem negava; tem mêdo da expiação, que sente ter, justamente, merecido.

***

XXXI—O egoista é um homem privado de sentimentos para com o proximo. Só o *Eu* acha écho 'n-esse coração de bronze onde jámais vibrou as fibras d'a sensibilidade.

***

XXXII—N-os mundos felizes os egoistas serão repellidos sem compaixão d'o banquete fraternal d'os bons, e expiarão 'n-o isolamento e 'n-a dôr a dureza e a insensibilidade de sua vida terrestre.

***

XXXIII—Tende a fé de Paulo, quando falla aos Philippenses sobre suas prisões, seos soffrimentos e seo combate interior entre viver e morrer.

***

XXXIV—Concentrae-vos pel-a paz e pel-a união em uma unica familia; sem isto Deos não poderia estar 'n-o meio de vós.

***

XXXV—Deos não illumina o mundo com o raio e os meteóros; dirige tranquillamente os astros, que o-illuminam: d'o mesmo modo as revelações divinas se-succederão com ordem, razão e harmonia.

IMPRESSO 'N-A TYP. D'O DIARIO D'A BAHIA—1870